REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO



N. 37

ABRIL DE 1890



RECIFE
TYPOGRAPHIA F. P. BOULITREAU
Rua do Imperador n. 48

1890

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

Acta da sessão solemne do 28.° anniversario em 27 de Janeiro de 1890

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOÃO JOSÉ PINTO JUNIOR

A 1 hora da tarde, depois de recebida a continencia da guarda de honra do 14.° Batalhão de Infantaria, postada em frente do edificio, o Exmo Governador e Commandante das Armas, general José Simeão de Oliveira, e acompanhado pela commissão até o lugar que lhe estava destinado, achando-se presentes alguns Srs. Desembargadores, Juizes de Direito, Lentes da Faculdade, Consules de Portugal, da Suecia e do Perú, Professores, Advogados, Jornalistas, Agricultores, Ajudantes de Ordens do Exmo Governador e Commandante das Armas, distinctas senhoras e commissões do Gabinete Portuguez de Leitura, do conselho superior da Propagadora da Instrucção Publica, de conselho director da mesma propagadora na parochia da Boa-Vista e do corpo docente da Escola Normal a cargo do mesmo conselho, da Associação Medico Pharmaceutica, do Congresso Instructivo Pernambucano, dos Estudantes da Faculdade de Direito, verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios : conselheiros Pinto Junior e Quintino de Miranda, desembargador Martins Pereira, Drs. Baptista Regueira, 1.° secretario, José Hygino, Lopes Machado, Esmeraldino Bandeira, Joaquim Loureiro, Miguel Castro, Caetano Neves, Pessoa da Costa, Pereira de Carvalho, Agostinho Leal, William Hughes, majores Codeceira 2.° secretario e Miranda Castro, Augusto Costa e Augusto Cezar.

O Exmo Conselheiro Presidente do Instituto, lê um discurso analogo ao acto e declara aberta a sessão.

Dando a palavra ao 1.° Secretario, Dr. Baptista Regueira apresenta este o seu relatorio sobre o movimento litterario, economico e administrativo do Instituto, durante o anno social que acaba de findar, seguindo-se-lhe o orador Dr. Lopes Machado, que memorando as datas solemnisadas por esta Associação faz o elogio historico dos socios fallecidos no mesmo periodo.

Em seguida occuparam a tribuna e felicitaram o Instituto pelo seu anniversario os oradores do Gabinete Portuguez de Leitura, do Conselho Superior da Propagadora da Instrucção Publica, do Conselho Director da mesma Propagadora na parochia da Bôa-Vista e do corpo docente da Escola Normal a cargo do referido conselho, da Associação Medico Pharmaceutica, do Congresso Instructivo Pernambucano, dos Estudantes da Faculdade de Direito desta cidade.

Esgotada assim a lista dos oradores inscriptos, o Exmo Sr. Presidente, agradecendo ao Exmo Governador e Commandante das Armas deste Estado, assim como ás Ex.^mas^ Familias, ás diferentes commissões e mais pessoas que abrilhantaram a festa com suas presenças, declarou encerrada a sessão, retirando-se o Exmo Governador e Commandante das Armas com as formalidades com que havia sido recebido, depois de percorrer o museu, e a bibliotheca do Instituto.

E por nada mais haver occorrido, fiz a presente em que assigno com o Ex,^mo^ Sr. Conselheiro Presidente e Dr. 1.° Secretario.—Dr. *João José Pinto Junior*, presidente.—*João Baptista Regueira Costa*, 1.° Secretario. —*José Domingues Codeceira*, 2.° Secretario.

DISCURSO

DO

PRESIDENTE DO INSTITUTO

Senhores.—Impõem-me as disposições reguladoras deste Instituto, a obrigação, que é ao mesmo tempo uma honra, de presidir a esta sessão magna, em que se commemora o vigesimo oitavo anniversario de sua installação e o duocentesimo trigesimo sexto da restauração de Pernambuco e de outros Estados do norte do Brasil.

Esses dous factos, só por si, devem prender vossa esclarecida attenção e fazer esquecer as desalinhadas phrases que tenha de proferir em cumprimento do meu dever.

Não é facil, nem me compete, nesta occasião, fazer desenvolvidamente a apotheóse desses importantes acontecimentos que hoje solemnisamos.

Em festa identica a esta, em 1887, já vos affirmei que, depois do dia 7 de Setembro de 1822, precedido do 6 de Março de 1817, não ha para esta terra outro dia que mereça ser tão festejado como o 27 de Janeiro de 1654.

Foi nesta data gloriosa que Pernambuco libertou-se do jugo hollandez, immortalisando os grandes patriotas, que, durante vinte e quatro annos aproximadamente, sacrificaram-se constantemente na reivindicação desta terra, despendendo os seus cabedaes, o seu sangue, as suas vidas na elaboração do futuro nacional.

Por esse motivo, e para commemorar o denôdo e patriotismo dos heróes que por tantos annos souberam sustentar a luta e conseguir por ultimo a victoria contra o poder da Hollanda, é que tambem foi creado este Instituto, ha vinte e oito annos passados.

A solemnidade de hoje é ao mesmo tempo uma festa intima para o Instituto e uma festa civica para a Pa-

tria. A fusão destas duas festas tem, pois, o mais alto valor, a mais admiravel significação para este Estado de Pernambuco.

A familia pernambucana foi sempre a primeira entre as suas iguaes, quer no que diz respeito ao desenvolvimento moral, quer ao material! Digo-o com a convicção que dá o estudo da historia. As lutas e acontecimentos, que constituem elementos poderosissimos para essa historia, confirmam tal verdade.

Como alguem já o disse «até os nossos erros têm um fundo de nobreza que os colora. Nunca o roubo, o incendio, o crime afeiaram nossos movimentos patrioticos.

« Em nossas lutas civis não se tem atacado a propriedade; e a mulher, o infante, o velho e o cidadão inerme até hoje, hão sido respeitados pelos bandos armados até nos momentos de maior delirio!... »

Esses factos, firmados em geral na historia deste Estado, revelam a bôa indole, os generosos intuitos dos que têm tomado parte nos nossos movimentos patrioticos.

Entregue a seus unicos recursos e abandonado da metropole, Pernambuco solta, no seculo XVII, o seu brado de guerra e combate a aguerrida Hollanda, com essa galhardia que encheu de assombro o proprio inimigo!

Quantas acções heroicas nesse movimento! Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Felippe Camarão, Henrique Dias, Barreto de Menezes, Mathias de Albuquerque, os heróes do forte de S. Jorge, D. Maria de Souza, os defensores do Arraial, os que emigraram de Villa Formosa, Clara Camarão, o indio Jaguarary, D. Maria Cesar, as heroinas de Tejucupapo, os bravos de Tabocas, Casa Forte e Guararapes, revelam-se verdadeiros gigantes nessas lutas, nesses feitos grandiosos emprehendidos pela libertação da patria. Succedem-se assim renhidos combates até que no dia de hoje, em 1654, depois de rendido o inimigo, de assignados os artigos da capitulação, João Fernandes Vieira, á frente da vanguarda do exercito

libertador, occupa as fortalezas, fazendo posteriormente o general Francisco Barreto de Menezes a sua entrada triumphal nesta cidade de que afinal tomou posse.

Com essa esplendida victoria estava rehabilitada a patria, estava reatado o fio das tradicções latinas na America meridional, estava affirmada a supremacia de Pernambuco entre as capitanias coloniaes, estava, emfim, lançado o alicerce inabalavel das nossas futuras grandezas!

Imaginai por ahi, senhores, quanto de extraordinario e de fecundo teve para o Brazil inteiro a corajosa luta dos patriotas pernambucanos.

Com os seus actos de espartano heroismo elles prepararão desde então o 1710, o 1817 e todas as outras datas gloriosas que temos tido.

Por isso se tem dito com bastante fundamento que o dia 6 de Março de 1817 foi o desenvolvimento da 1ª tentativa ou do 1º movimento occorrido em Novembro de 1710, o qual movimento era, por sua vez, corollario do dia 27 de Janeiro de 1654, que, como fica dito, fez cessar para sempre as invasões hollandezas, dando aos cidadãos esse espirito de autonomia que em 1822 se traduzio em facto pela independencia nacional!

Para nós pernambucanos, portanto, e especialmente para nós do Instituto, que guardamos com zelo religioso a arca santa da historia e das tradicções patrias, o dia 27 de Janeiro deve ser, e é de facto, uma das maiores e mais gloriosas datas pernambucanas.

Prosigamos, continuemos a nos congregar aqui para festejar esse dia, para solemnisar essa data; enchamos os nossos corações de affectos e de dedicações por este anniversario; illuminemos as nossas cabeças com as idéas de bem entendida nobresa, de patriotismo, de gloria, que este dia recorda.

Assim procedendo, prestaremos um culto desinteressado e moralisador ás santas memorias dos nossos compatriotas que se sacrificarão pelos posteros; ensinaremos os nossos concidadãos a ser tambem dedicados e generosos sempre que se tratar de sacrificios pela terra que nos foi berço.

Felizmente eu vejo no semblante de todos os que aqui se achão um reflexo dos sentimentos que lhes animão os corações, e nesses sentimentos vejo a sagração dos antepassados, que é a maior das recompensas para o *Instituto Archeologico.*

Está aberta a sessão.

Recife, 27 de Janeiro de 1890.

Dr. João José Pinto Junior.

RELATORIO

APRESENTADO PELO

Primeiro Secretario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, na sessão magna anniversaria em 27 de Janeiro de 1890

Mais uma pagina volveu-se nos annaes desta associação, e hoje, como ha um anno, hymnos enthusiasticos se elevam em honra ao dia 27 de janeiro, e novos fulgores illuminam este recinto, onde se reune o que ha de mais selecto na sociedade pernambucana.

Cumprindo-me, na presente solemnidade, relatar-vos o movimento litterario, administrativo e economico desta associação, durante o anno academico, proximo findo, venho desempenhar-me d'esse imperioso dever, sentindo que a minha palavra seja uma nota dissonante no meio das harmonias desta festa patriotica e um raio amortecido por entre os esplendores deste festim litterario.

Celebrou o Instituto 17 sessões ordinarias e 2 extraordinarias.

A eleição da mesa administrativa e das commissões de contas e de redacção teve lugar em sessão especial a 21 de fevereiro, realisando-se no dia 4 de abril a posse dos funccionarios eleitos.

Das sessões extraordinarias destaca-se a que celebrou o Instituto no dia 14 de maio, para receber o exemplar de uma medalha que lhe offertou o Club Cupim, d'entre as que mandou cunhar para commemorar a abolição da escravidão no Brasil.

O Instituto, pelo orgão do seu orador, agradeceu a offerta que lhe foi feita por aquella sociedade, a qual, justificando plenamente o nome, com que é conhecida, concorreu para derrubar o edificio da escravidão entre nós ; ou antes trabalhando, como esse insecto submarino, que

conclue a sua tarefa, quando chega á superficie d'agua, só deu por finda a sua missão quando havia construido a forte muralha, a cujo abrigo se acolheram os miseros escravos, como a um verdadeiro porto de salvação.

A nossa associação admittio o anno passado no seu gremio a 13 socios, sendo 7 effectivos, 2 correspondentes e 4 honorarios; figurando na classe dos correspondentes o cidadão norte-americano dr. Horacio Storer, celebre archeologo mumismata e na dos honorarios, o dr. Henrique Moreno e o barão de Teffé, aquelle, ministro plenipotenciario da Republica Argentina, homem de lettras e um dos diplomatas que mais tem concorrido para fortalecer os laços de união e fraternidade que devem ligar a dous povos irmãos; e este vice-almirante da nossa armada e um dos brasileiros que mais tem sabido honrar a sua patria no estrangeiro, prestando relevantes serviços á historia e geographia do paiz em importantes commissões que lhe tem sido confiadas.

Destacando, entretanto, os nomes laureados de tres dos novos consocios não é meu intuito pôr em duvida o merecimento dos outros que vieram tambem auxiliar-nos, mais de perto, no desempenho de nossa patriotica missão; ao contrario força é confessar, que o maximo escrupulo presidio, o anno passado, á escolha d'aquelles a quem os vossos suffragios deram entrada n'este recinto, onde só se rende homenagem ao talento, á illustração e ao trabalho e onde, como se exprimia o vulto venerando que primeiro occupou esta cadeira, nem Virgilio se ensoberbece por se sentar ao lado de Augusto, nem D. Duarte se abate por estudar bem junto do seu bom André de Resende.

Na sua devastadora carreira de Attila da humanidade, varreu a mão da morte do seio desta associação a oito prestimosos consocios.

A festa de hoje não é destinada somente a celebrar o duplo anniversario da restauração de Pernambuco do dominio hollandez e o da installação desta sociedade; é tambem consagrada á memoria d'aquelles que foram

nossos companheiros de jornada na peregrinação, que emprehendemos pelas ruinas do passado.

Mas, apesar de constituirmos aqui uma especie de familia, muito diverso é o sentimento que experimentamos annualmente na presente solemnidade, com relação àquelles de nossos consocios que pagaram à natureza o tributo da vida.

« A familia, diz um notavel litterato, evoca os seus mortos para pranteal-os; a associação não faz evocação de mortos, mas de gentis feitos, de benemeritas acções, porque o seu fim, nos dias solemnes como este, é votar laureis, é celebrar uma como apotheose.

A familia não vê nas suas sombras queridas o poeta por mais mavioso, o jornalista por mais afamado, o mestre por mais proficiente, o historiador por mais completo, o sabio por mais admiravel; a associação nos vultos que ella commemora não vê o homem particular; vê o escriptor, o parlamentar, o magistrado, o homem publico, estuda a sua influencia nas lettras, na politica, na sociedade. »

E si este é o ponto de vista sob o qual deve a associação commemorar os seus homens illustres, outra não é por certo a missão do Instituto na presente solemnidade.

E de feito, d'aqui a poucos minutos, traçando a phisionomia moral de cada um dos nossos consocios que desceram ao tumulo, o anno passado, recordará o nosso orador que o cidadão José Polycarpo de Freitas, durante o tempo em que residio entre nós, viveu a vida modesta do serventuario de justiça, cumprindo regularmente os seus deveres; que o commendador Manoel Camillo Pires Falcão e o coronel Marcionillo da Silveira Lins foram dous agricultores laboriosos, sendo este, segundo Catão, o maior elogio que podia qualificar o homem de bem na antiguidade; que o major Laurentino José de Miranda conquistou um lugar saliente entre os seus concidadãos, pela actividade e intelligencia de que era dotado e que elle procurou pôr ao serviço da industria; que o dr. Aureliano Augusto Pereira de Carvalho, membro da magistratura vitalicia, na qual exerceu o cargo de juiz de direito, foi um dos nossos consocios que mais trabalhou

pelo progresso desta associação, havendo-se prestado a ler gratuitamente na cadeira de geographia, quando o Instituto estabeleceu diversas aulas de humanidades; que o visconde de Vieira da Silva e o dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior foram, o primeiro um philosopho profundo, mais pensador do que politico e uma das maiores illustrações do paiz, podendo-se dizer de sua morte o que dizia um poeta da morte do sabio que « foi a noite de um bello dia, » e o segundo um talento enriquecido de grande erudição, que prestou relevantes serviços ao Instituto como presidente de Pernambuco e ministro de estado; tendo ambos deixado a sua memoria illuminada por um ponto de luz, por haverem pertencido ao gabinete que satisfez a grande aspiração nacional, extinguindo a escravidão no Brasil; que finalmente o dr. Luiz Ferreira Maciel Pinheiro, jornalista, homem de lettras e magistrado, foi, mais do que tudo isso, um caracter immaculado, podendo se lhe applicar o dito de Pyrrho com relação a Fabricio, de que era mais facil desviar o sol do seu curso do que Fabricio do caminho da virtude.

Convertendo a sua penna n'uma arma de combate, elle pugnou fortemente para que desapparecessem as duas notas dissonantes no concerto americano, mas, si teve a felicidade de ver raiar a aurora do dia 13 de maio, não lhe foi dado ver surgir o sol de 15 de novembro, porque, como Moysés, morreu antes de chegar á terra da promissão, a Chanaan da republica.

Acha-se concluida a revisão dos estatutos, de que foi incumbida uma commissão especial, nomeada pelo Instituto; e brevemente será submettido á discussão e approvação da assembléa geral o projecto de reforma por ella organisada.

Consagra este diversas medidas, relativas á boa marcha desta associação, não só na parte litteraria como na administrativa e economica, figurando d'entre ellas a creação de socios auxiliares e o estabelecimento de conferencias, tanto sobre archeologia e geographia, como sobre quaesquer sciencias, que mais intimamente a ellas se prendem.

Na sessão de 23 de maio foram presentes ao Insti-

tuto, por intermedio do nosso thesoureiro, 80 medalhas de prata e 50 de bronze, que esta associação mandou cunhar para commemorar a abolição da escravidão no Brasil.

Medem ellas seis centimetros de diametro, tendo cada uma no anverso um livro aberto com a integra da lei n. 3,353 e illuminado pela imagem do sol a espargir os seus raios por todo o campo da medalha, que é orlada nesta face pela legenda.—*Sob a regencia da princeza imperial D. Izabel.*

No reverso, cuja legenda é:—*Instituto Archeologico Geographico Pernambucano*, vê-se escripta a palavra *Pernambuco*, encimada por uma estrella e cercada de uma corôa de louros, da qual se destacam as datas 1817, 1824, 1830;

1817—para commemorar a proclamação do Governo Provisorio, annunciando os desejos de *uma emancipação, que não permittisse lavrar mais o cancro da escravidão, embora lenta regular e legal*;

1824—para relembrar o edital de 3 de julho do presidente da republica do Equador, suspendendo o trafico de escravos para Pernambuco;

1830—para consignar a deliberação do Conselho da Provincia de 15 de abril, sobre a liberdade dos escravos, por meio de uma indemnisação rasoavel.

Não obstante resentirem-se as medalhas da falta de perfeição artistica, resolveu o Instituto recebel-as e offertar uma ao museu do Gymnasio Pernambucano e outra á Colonia Portugueza desta cidade, sendo esta, para de alguma sorte corresponder á gentileza, com que a mesma Colonia, tomando parte nas festas commemorativas da lei de 13 de maio, dignou-se de offerecer-nos o exemplar unico de uma medalha de prata, mandada expressamente cunhar para depositar no museu do Instituto.

Na mesma sessão de 23 de maio foi presente a esta associação o orçamento para o anno de 1889 a 1890, calculando a receita em sete contos e tresentos e a despeza em seis contos e trinta mil réis; resultando por conseguinte em favor do Instituto um saldo de um conto duzentos sessenta e nove mil, trezentos e trinta réis.

No parecer, que acompanha o orçamento, entra a commissão respectiva em largas considerações acerca das differentes verbas de receita e despeza; propondo que se reduza o numero de paginas da Revista Trimensal; que se diminua a importancia da assignatura de cada exemplar e bem assim que para a impressão se abra concurrencia; medidas estas que estão sendo executadas com grande vantagem para a bôa marcha das nossas finanças.

Approvou o Instituto, em sessão de 5 de dezembro, uma proposta do dr. Cicero Peregrino para que se mandasse cunhar medalhas commemorativas da proclamação da republica no Brasil.

A revolução Franceza de 1789 repercutio na capitania de Minas-Geraes, animando n'esse anno a tentativa de independencia que ahi se manifestára, e, por uma coincidencia notavel, no mesmo anno de 1792, em que se proclamava a republica na França, cahia a cabeça de Tiradentes, o principal chefe da mallograda conspiração de Minas.

A semente, porém, estava plantada desde 1710 e um seculo depois d'aquella sangrenta revolução proclamar-se a republica no Brasil; mas de um modo tão honroso, tão pacifico, tão incruento, que dir-se-hia a celebração de uma festa em honra ao centenario da revolução de 1789, que proclamara os direitos do homem.

Conservar-se indifferente a esse grandioso acontecimento seria commetter um crime de leso patriotismo e o Instituto que, como em um tabernaculo, guarda no seu seio a arca santa das tradições gloriosas de 1710, 1817 e 1824, o Instituto, que já perpetuou na prata e no bronze a memoravel data de 13 de maio de 1888, mentiria por certo á sua missão si deixasse de tomar a resolução que tomou, mandando cunhar medalhas para commemorar o dia 15 de novembro, esse dia que assignala uma epocha de regeneração para a nossa patria.

Durante o anno academico proximo findo não correram estereis as sessões do Instituto; sendo lidos, ao contrario, diversos trabalhos sobre paleontologia, historia colonial, historia nacional e geologia.

Na sessão de 27 de Junho, occupou a attenção do

Instituto o nosso consocio dr. Maximiano Lopes Machado, com a leitura de um parecer por elle elaborado acerca do fossil encontrado na comarca de Campina Grande e que nos remetteu da Parahyba o nosso illustrado consocio dr. Irineu Jofflly.

Começa o dr. Machado o seu interessante trabalho, descrevendo o lugar em que foi descoberta essa preciosidade pre-historica.

Chama-se elle *Navalha*, localidade que, diz o nosso consocio, fica a dez leguas convencionaes a noroeste da cidade de Campina Grande e fazer parte do territorio da comarca, constituindo esse sitio uma solidão impenetravel por todos os lados, em que vegetam com exhuberancia cactos de folhas carnudas e eriçadas de espinhos, que golpeiam ao menor descuido, d'onde lhe vem o nome de *Navalha*.

Segundo o autor do parecer, o solo é formado de argila, areia e calcareo e fóra d'alli apresenta-se coberto em algumas partes de lagedo granitico, em cuja face se observam pequenos grupos de arbustos circumdados de macambiras e caroatás, a que os fazendeiros chamam *tanques*, isto é, brechas ou caldeirões entupidos e cobertos de vegetação, os quaes desobstruidos e cheios d'agua pluvial dão ás propriedades mais valor.

N'um desses tanques, alguns dos quaes são de admiravel belleza pela sua estructura symetrica, foi encontrado o fossil que nos enviou o dr. Irineu Joffily.

Passando a analysal-o, diz o dr. Machado que, pelos exames a que procedeu, ficou averiguado ser elle parte de um todo, do qual foi violentamente separado ou antes um fragmento arrancado da camada solida da jazida dos fosseis, o qual constitue uma massa resistente e de grande peso, medindo de extensão $0^m,65$, de largura $0^m.42$ e $0^m,24$ de espessura e notando-se-lhe na parte superior uma volumosa porção do maxillar inferior de um animal gigantesco de raça extincta com $0^m,51$ de comprimento e $0^m,17$ de largura e na parte média um ponto branco e liso, onde se observa a porosidade das inserções do periosto, como succede nos ossos dessecados recentemente.

Em relação aos dentes, os quaes são admiraveis pela belleza da fórma, têm de comprimento $0^m,20$ e estão fóra de seus lugares, em desordem e encrustados, observa o dr. Machado um curioso phenomeno, qual é a conservação, apesar do seu estado fossil, da polpa dentaria, que parece ter resistido á lei da decomposição; bem como a côr de rosa do periodo da vida, que n'elles se manifesta claramente á luz solar, como se ainda houvesse circulação nos vasos sanguineos; phenomeno este para o qual chama a attenção dos homens de sciencia e que deve excitar-lhes a curiosidade, por accusar uma inversão da ordem natural.

Fundado na opinião de autores celebres de anatomia dentaria humana e comparada e de naturalistas de grande nomeada, conclue o nosso consocio que o maxillar, de que se trata é de *Megatherium*, mamifero colossal, edentado, tardigrado, de cabeça pequena em relação ao corpo, semelhante a do tamanduá, á cuja familia parece ter pertencido; opinião esta que mais se lhe robusteceu pelo confronto do fossil com o maxillar do esqueleto d'aquelle animal, gravado nos quadros do Diccionario de Historia Natural de D. Orbigny, onde se descobre toda a semelhança de fórma e disposição, ora alargando-se, ora estreitando-se, na mesma ordem anatomica, com todas as suas inversões até descrever o mesmo angulo obtuso posterior ascendente.

Occupou ainda o nosso consocio dr. Lopes Machado, a attenção do Instituto, na sessão de 18 de julho, com a leitura do capitulo V, do tomo II, da sua obra inedita, intitulada — *Historia da Parahyba do Norte.*

« Extrahir a philosophia da historia, julgar os acontecimentos e os homens, traçar a connexão das causas e effeitos, tirar dos successos dos tempos primitivos lições geraes de sabedoria moral e politica, eis o papel, a que se tem dedicado uma distincta classe de escriptores.»

E essas qualidades, que, segundo um critico notavel, assignalam o verdadeiro historiador, reune-as em grão elevado o nosso consocio, o qual, escrevendo a historia da terra que lhe dera o berço, procura guiar-se por essa *luz secca* do espirito, de que nos falla Heraclito e que diz

Bacon ser a luz, que não é empanada pelos nevoeiros da paixão, do interesse e dos prejuizos.

No capitulo que leu perante o Instituto trata o dr. Machado, em primeiro lugar, da Companhia de Jesus no periodo do seu maximo esplendor.

Fundado na historia, mostra-nos o nosso consocio que nessa epocha dominava ella quasi todos os espiritos pelas vantagens do ensino, do pulpito e sobretudo do confessionario e insinuava-se na consciencia dos reis e dos vassallos, introduzindo-se nos palacios dos grandes e regulando os negocios mais particulares das familias; e comparando-a ao verme roedor, que lucta dia e noite, a toda a hora e a cada momento, com a resistencia do madeiro, ora perfurando-o em linha recta, ora ladeando em duplicadas curvas até diluil-o e derrubal-o, recorda o nosso consocio que chegara ella a vencer todas as resistencias sociaes e a intervir nos negocios politicos dos differentes Estados da Europa.

Apreciando a attitude que, diante da influencia da Companhia, assumira o marquez de Pombal, esse homem, que, na phrase do grande padre Barreto, era rei diante do povo e só foi subdito diante do rei, descreve o dr. Machado os esforços que empregara o celebre ministro de D. José para conseguir o decreto de 3 de Setembro de 1759 que proscreveu os jesuitas de Portugal e seus dominios; e o Breve *Dominus ac Redemptor*, que abolio a Companhia de Jesus, após dous seculos e meio de existencia.

Passando ao Brasil, analysa o nosso consocio o effeito das medidas preventivas tomadas por aquelle ministro e o procedimento que tivera o conde dos Arcos, a quem elle se dirigira n'esse sentido; pondo em relevo o modo por que fôra executado na Parahyba do Norte o decreto de 3 de Setembro e a maneira pela qual se effectuaram as suas prisões e o sequestro de seus bens, providencias estas que se realisaram sem a minima opposição por parte de todos, com excepção do ouvidor Collaço, que foi preso e remettido para Lisbôa.

Entrando em outra ordem de considerações, passa o nosso consocio a descrever o estado economico e finan-

ceiro da capitania da Parahyba, anteriormente á expulsão dos jesuitas; e nota que elle era pouco lisongeiro pelo definhamento do commercio e decrescimento das rendas publicas, phenomeno este cuja causa attribue á sahida dos productos agricolas para o mercado do Recife, pelos esforços dos atravessadores e agentes do commercio d'ahi enviados com offertas de melhores preços.

Esse estado de cousas apressou, na opinião do nosso consocio, a decadencia da capitania, concorrendo ainda mais para sua completa ruina, segundo elle, a resolução, tomada em consulta do Conselho Ultramarino, de subordinal-a á capitania de Pernambuco; e só conseguindo ella levantar-se desse abatimento pela creação da companhia geral do commercio de Pernambuco e Parahyba, a qual fez encaminharem-se de novo para a capital os generos de producção da provincia, melhorarem as casas da cidade, edificarem-se outras, funccionar regularmente a alfandega e augmentarem as rendas publicas.

Por ultimo falla o dr. Machado dos celebres bandeirantes Domingos Sertão e Domingos Jorge; da povoação dos Cariris; da invasão dos Tapuyas, e da guarnição e estado das fortificações da capitania; abundando em considerações para mostrar como ella prosperou rapidamente pela exploração de seu interior e pela sua independencia da capitania de Pernambuco, e fundando-se, na parte relativa á chronica dos factos, em cartas regias sesmarias e outros documentos, que tornam por demais importante o capitulo V de sua obra, capitulo este com o qual occupou elle a attenção do Instituto.

O mesmo dr. Machado, nas sessões de 22 de agosto e 19 de setembro encetou a leitura de um romance historico, do qual deu-nos a conhecer nove capitulos.

Fallando dos dous generos de composição: a narração e o romance historico, compara-os o illustrado Macaulay a primeira a um mappa e o segundo a uma paisagem.

« O mappa, diz elle, não é um trabalho de arte imitativa; não apresenta nenhuma scena á imaginação; porém dá-nos informação exacta do traçado de varios pontos e é um companheiro mais util do viajante do que a

paisagem; esta, ainda que nos colloque o lugar diante dos olhos, não nos habilita a certificar-nos das suas dimensões, das distancias e dos angulos.»

E essa differença que o critico inglez assignala entre os dous generos de composição, essa differença que vai do mappa para a paisagem é a que distingue a *Historia da Parahyba do Norte* do *Romance historico*, escripto pelo dr. Machado.

Alli os factos são narrados por elle com a fidelidade de um chronista, sem exclusão dos ornatos que revestem as suas reflexões, os episodios que amenisam a narração e a descripção dos lugares e personagens, que se prendem naturalmente ao assumpto principal.

Aqui já não é elle o mesmo historiador; o fundo da narração é verdadeiro; as circumstancias, os detalhes e os quadros são imaginarios, posto que verosimeis e interessantes.

E de feito, tomando por base um facto occorrido em Pernambuco de 1828 a 1830, descreve-nos o dr. Machado o que era nessa epocha a cidade do Recife, os costumes de seus habitantes, o desenvolvimento do commercio e a influencia do elemento francez.

Sem afastar-se da verdade historica conhecida, move-se livremente o nosso consocio nos limites dessa verdade, inventando as circumstancias, traçando os lugares, creando os personagens, penetrando-lhes os pensamentos e pondo-lhes nos labios o dialogo; e, si nem sempre refere o que realmente se deu, o que effectivamente se passou, narra o que poderia ter acontecido, o que era verosimil que se desse, entremeiando muitas vezes a narração das circumstancias fornecidas pela tradição popular.

Muito interessantes portanto são os nove capitulos do romance, com que prendeu o dr. Machado a attenção do Instituto, o anno passado; cumprindo observar que cada um d'elles constitue um conto especial e que todos se distinguem pela côr local que lhes é propria e pela linguagem da epocha que fallam os personagens.

Na sessão de 27 de junho fiz a leitura da traducção da importante monographia, escripta pelo nosso consocio

dr. João Carlos Branner, intitulada—*Geologia de Fernando de Noronha.*

Professor da universidade de Indiana e geologo official de Arkansas, o dr. Branner fez parte da commissão geologica brasileira, de que era chefe o professor Carlos Frederico Hartt e, nessa qualidade, percorreu diversos pontos do Brasil; sendo os fructos dessa excursão scientifica uma *Memoria sobre a pororoca do Amazonas*, outra acerca *das Inscripções gravadas em nossos rochedos* e uma importante obra que recentemente veio á luz, intitulada—*Geologia cretacea e terciaria da bacia brasileira de Sergipe e Alagoas.*

Havendo visitado tambem em 1876 a ilha de Fernando de Noronha, publicou ultimamente o illustrado professor o resultado das observações, que colhera, a respeito da sua geologia.

Nesse interessante trabalho, occupando-se de Fernando, que suppunha-se outr'ora ser a extremidade nordeste do continente americano, chéga o distincto professor á conclusão, em face das sondagens feitas pela expedição Challenger, de que esse grupo de ilhas ergue-se abruptamente do fundo do oceano.

Segundo os seus estudos, a ilha é de origem vulcanica, e sobre ella não existem rochas sedimentares; sendo que a resaca, que constantemente a açoita, tem concorrido poderosamente não só para fazer desapparecer o cone vulcanico, como para solapar rapidamente o que havia da ilha primitiva; accrescendo que a elevação da sua parte central tem cedido tambem á influencia dos processos naturaes de desaggregação, a ponto tal de só restarem della o grande Pico e os outros menores para darem uma idéa da antiga elevação do grupo.

Com relação ás rochas que a constituem, e a respeito das quaes escreveu o dr. Jorge Williams um importante trabalho, sob o titulo de *Petrographia de Fernando*, pondéra o dr. Branner que as melhores, e pode-se dizer que as unicas, que estão em boas condições, se acham perto das praias, porém muitas são de accesso difficil, senão impossivel, por não ser facil navegar-se nas

visinhanças da ilha e por causa da resaca, que ahi é sempre violenta.

Contestando a opinião do dr. Alexandre Rattray, affirma o illustrado geologo que não existe granito na ilha; não fazendo elle parte nem do Pico, nem de outros outeiros e pontas de terra.

E, passando a descrever a formação geologica de Fernando de Noronha, menciona em primeiro lugar o amphibolo trachyto, que diz elle apparecer na base e a oeste de Atalaia Grande e bem assim no lado oriental e em torno da base do Morro Francez; dando muitos dos habitantes o nome de tauá ao amphibolo trachyto frouxo, esbranquiçado e cor de creme, que apparece na base dos outeiros e principalmente em roda de Atalaia Grande.

Como esta rocha, occorre, segundo elle, o hyalotrachyto, principalmente entre a foz da corrente que despeja na Bahia de Sueste e a antiga fortaleza dos Leões; notando-se que é elle de cor branca, quasi tão molle como greda e quebra-se em fragmentos irregulares, vendo-se aqui e alli por toda a massa pedaços cor de chumbo, que os habitantes do lugar suppõem ser kaolino.

A maior parte das proeminencias topographicas isoladas do lado oriental da ilha, com excepção do Morro Francez, é, na opinião do dr. Branner, composta ou toda ou quasi toda de phonolito, o qual parece ter sido encravado como dique nas rochas mais antigas e na mor parte haver começado a esfriar pelos lados, apresentando uma estructura columnar ou completa ou parcialmente desenvolvida, com excepção da Pedra da Conceição, onde esta rocha tem a estructura de ardosia, pela sua propriedade de distribuir-se em laminas.

Occupando-se do Pico, diz o sabio professor ser elle a mais notavel balisa do Atlantico do Sul, pois tem 1000 pés de altitude e é a sua parte superior de tal forma perpendicular ou imminente que torna o cume quasi inaccessivel; cumprindo observar que elle vai lentamente abaixando sob a influencia combinada do sol e da chuva e das mudanças diarias de temperatura.

Rochas de typo basaltico formam a grande constru-

ctura de Fernando de Noronha e foram encontradas pelo autor em todos os pontos da ilha e em massas de todas as formas e tamanhos desde os finos veios até os largos lençóes; parecendo ser quasi toda de basalto a ilha Rata e formando estas rochas o seu ponto mais elevado e as suas extremidades oriental e occidental.

Não menos notaveis são as bombas vulcanicas, que occorrem in situ ao norte e perto do cume do Morro Francez, mas que, segundo o dr. Branner, não são tão abundantes, nem tão grandes, como nos rochedos de Capim Assù.

Os tufos tambem se manifestam n'aquelle Morro, nas circumvisinhanças da extremidade occidental da ilha, na Sapata e em Capim Assú; chamando o distincto geologo a attenção para a abertura ou tunnel natural, denominado *Portão Grande*, que se observa por baixo da Sapata e cuja largura é de 40 pés, tendo o seu tecto quasi a mesma altura acima d'agua nas marés medias.

Finalmente, depois de mostrar scientificamente o processo pelo qual foi feito esse tunnel ou abertura, conclue o dr. Branner as suas observações, tratando do grés calcareo, que, alem das rochas de origem ignea, occorre ao longo de algumas praias; entrando em largas considerações para descrever como se formou o material das rochas arenosas e como foi elle consolidado, e explicando em nota os nomes verdadeiros de algumas localidades de Fernando, segundo as informações que poude colher.

Como se vê do resumo, que acabo de fazer, muito interessante é o opusculo que traduzi; subindo de ponto a sua importancia pelas estampas que o acompanham e que representam 1° o esboço da ilha de Fernando, tirado da ilha Rata, 2° as columnas de phonolito de Atalaia Grande 3° o dique de phonolito, perto de Pico 4° a Sella Gineta ou S. Miguel 5° o Pico de phonolito de Fernando de Noronha 6° a vista a nordeste da base de Pico, 7° o Portão e por ultimo um mappa da ilha e das ilhotas adjacentes, com todas as explicações necessarias.

Resta-me agora mencionar as provas de apreço e consideração, com que nos honraram distinctos ca-

valheiros, notaveis homens de lettras, e associações litterarias e scientificas tanto do paiz, como do estrangeiro.

Ao nosso consocio dr. José Joaquim Alves de Albuquerque deve o Instituto um relevante serviço.

No intuito de ser util a esta associação deu-se elle á improba tarefa de relacionar em ordem alphabetica os livros e folhetos da nossa bibliotheca; o que conseguio levar a effeito, votando o Instituto que, além do titulo de socio que já lhe havia concedido, independente da contribuição dos estatutos, se lhe agradecesse o auxilio prestado á nossa associação, tão carecedôra aliás do concurso de todos para que possa realisar a sua patriotica missão.

A extincta Assembléa Provincial, que em virtude de uma lei permanente nos subvencionava todos os annos com uma quantia insufficiente para fazer face ás nossas mais urgentes despezas, attendendo aos embaraços oppostos ultimamente á marcha economica do Instituto, resolveu augmentar essa subvenção e conceder, o anno passado, a quantia de cinco contos de réis para o assentamento de um gradil de ferro que circule o edificio em que elle funcciona, e assim possa garantir por mais tempo a sua conservação, actos estes para os quaes concorreu o nosso consocio dr. Lopes Machado, que teve assento n'aquella corporação e a quem, em nome do Instituto, cumpre-me agradecer na presente occasião o serviço que lhe prestou.

O Museu Real e Imperial de Historia Natural de Vienna solicitou, em troca de suas Revistas, a remessa das nossas Revistas Trimensaes, pedido este que não podia deixar de ser satisfeito, attenta a vantagem que resulta para o Instituto de manter relações com as sociedades scientificas e litterarias, com as quaes possa entreter correspondencia.

Além do periodico *Le Bresil*, que se publica em Paris e que a sua illustrada redacção nos enviou regularmente, recebemos tambem do estrangeiro os boletins das sociedades de geographia de Neufchatel, de Tours e de Lisboa, todos elles contendo interessantes artigos sobre a sciencia que constitue o objecto dessas socieda-

des, sciencia á que todos os annos se vão descortinando novos horisontes, pelas conquistas que vai ella fazendo no campo de suas investigações.

A secretaria da Camara dos Deputados, de par com o Relatorio e Synopsis dos trabalhos legislativos correspondentes ao anno de 1888, continuou a offertar-nos os *Annaes do Parlamento*, importante publicação, onde se podem beber á farta as mais curiosas informações para se escrever com exactidão a historia constitucional do antigo Imperio.

Não menos valiosa é a offerta que costumam fazer-nos de suas Revistas o *Instituto do Ceará* e o *Club de Engenharia*, estabelecido na capital federal, o qual procura cada vez mais enriquecer as suas paginas com bem elaborados artigos sobre mechanica e outros ramos de mathematicas applicadas.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro deixou de enviar-nos o anno passado os numeros que publicou de sua Revista Trimensal, esse precioso repositorio, em que se encontram interessantes memorias e uma grande copia de documentos relativos á historia, á ethnographia e á geographia do paiz.

Essa falta, porem, foi de alguma sorte compensada pela remessa, que nos fez aquella associação, de tres publicações suas: a *Vida do Padre Estanisláo de Campos, da Companhia de Jesus*, a *Commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa* o poeta suicida, que tão importante papel representou na mallograda revolução de Minas e a *Historia de uma viagem, feita a terra do Brasil* por João de Leri.

Esta ultima obra foi traduzida em lingua portugueza e offerecida áquelle Instituto pelo nosso consocio desembargador Tristão de Alencar Araripe.

Publicada no anno de 1578 e escripta em francez do antigo estylo e em linguagem cheia de termos obsoletos, de transposições repetidas e de periodos longos, era a leitura da obra de Leri um privilegio somente dos eruditos.

Constituindo ella, porem, um dos primeiros monumentos graphicos da nossa historia, prestou incon-

testavelmente o desembargador Araripe um valiosissimo serviço, traduzindo-a em lingua vernacula e pondo-a assim ao alcance de todos que se interessam pelo estudo da historia dos nossos tempos primitivos.

Fomos obsequiados pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro com a offerta do Relatorio, que escreveu o ex-official da marinha de guerra nacional, José Carlos de Carvalho, sobre a remoção do meteorito de Bendegó do sertão da Bahia para o Museu Nacional.

Abre aquelle distincto official o seu Relatorio com o historico do meteorito e das tentativas feitas para removel-o; e, depois de tratar da formação geologica do terreno em que elle cahira, passa a descrever o caminho escolhido para a sua conducção e conclue narrando as peripecias que se deram por occasião do seu transporte para o Rio de Janeiro.

Na parte historica, porem, mencionando os que examinaram em differentes epochas o meteorito de Bendegó esquece o illustrado autor do relatorio o nome do conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, o qual, incumbido dessa missão pelo conde da Ponte, desempenhou-a cabalmente, informando que a enorme pedra meteorica achava-se collocada sobre um leito de quartzo e spato, era de ferro nativo, puro, flexivel e maleavel ao fogo pela forja; não se observando nella a ferrugem pela parte de zinco de que se compunha, e que, tendo a forma oval, media nove palmos de comprimento, seis de largura e tres de altura.

Essa falta, entretanto, de que se resente o minucioso Relatorio que nos foi offerecido, em nada lhe desmerece a importancia, a qual sobe ainda de ponto pelas gravuras de que é enriquecido, e pela *Noticia sobre os meteoritos*, escripta pelo dr. Cruls e que o autor addicciona ao seu valioso trabalho.

O principe Rolando Bonaparte presenteou-nos com a sua obra *Nova Guiné* e o major João Brigido dos Santos, que já nos havia enviado a *Synopse Chronologica do Ceará* e os *Apontamentos para a historia do Cariri*, acaba de reunir em volume, de que nos offereceu um exemplar, os seus escriptos historicos, esparsos pela

imprensa periodica, dando assim mais uma prova do entranhado amor que vota ás cousas patrias, ás quaes tem consagrado as suas vigilias, na exploração das opulentissimas minas da nossa historia.

Remetteu-nos de Liverpool o barão do Rio Branco um preciosissimo livro, intitulado *O Brasil.*

Extrahido da *Grande Encyclopedia*, para a qual escreveu o sabio Levasseur, que teve por collaboradores, além d'aquelle cavalheiro, o dr. Henrique Gorceix, o barão de Ourem e o dr. Eduardo Prado, recommenda-se esse livro pela descripção physica, politica e economica, que faz do nosso paiz o seu autor, fundado, como elle declára, em documentos officiaes e em trabalhos originaes, alguns dos quaes ineditos e pelas gravuras, de que é intercalado nas secções relativas á anthropologia e ás bellas artes e que sem duvida lhe augmentam o merecimento.

Por parte do commissariado geral do Brasil, na exposição universal de Paris, realisada o anno passado, foi-nos offerecida uma obra de longo folego, intitulada *O Brasil em 1889.*

Escripta sob a direcção do distincto litterato Sant'-Anna Nery para figurar n'aquelle certamen da industria, das sciencias e das artes, conta essa obra por collaboradores um grande numero de escriptores brasileiros, cada um dos quaes se incumbio de uma parte especial; destacando-se d'entre os artigos, de que ella se compõe, pela sua minuciosidade e proficiencia, os que se intitulam: *Esboço da Historia do Brasil*, pelo barão do Rio Branco, *População, territorio e eleitorado* por Favilla Nunes, *Zonas agricolas* por André Rebouças, *Arte* por Eduardo Prado e *Litteratura* por Sant'Anna Nery.

Não obstante ser essa obra de interesse transitorio, pois foi escripta expressamente para figurar na exposição de Paris, resolveu o Instituto envial-a á secção de geographia para emittir o seu parecer na parte relativa somente aos Estados, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá; e, assim procedendo, teve em vista esta associação não deixar passarem despercebidos alguns erros, de que se resente a referida obra, a

qual, entre outros, colloca o porto de Mamanguape na embocadura do Parahyba; e, na carta por demais incompleta, que a acompanha, extrahida do Atlas do coronel Niox, limita Pernambuco com o Rio Grande do Norte; dando a este Estado terrenos que pertencem á Parahyba.

Recebeu o nosso museu diversos donativos, sendo-nos remettidos, pelo nosso consocio major Cintra, um kanitar, especie de capacete de pennas amarellas ou vermelhas, de que usavam os indios; pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro uma medalha de cobre, commemorativa da lei de 13 de maio, fineza esta a que retribuimos, enviando tambem áquella associação um exemplar da medalha que mandamos cunhar para solemnisar aquella lei; e pelo nosso consocio dr. Innocencio Marques de Araujo Góes uma pedra, vinda de Itamaracá, contendo palavras truncadas de uma inscripção antiga, em que se lê a data de 1676.

A nossa pequena galeria foi augmentada com dous retratos de d. Pedro de Alcantara, que nos remetteram a extincta Camara Municipal do Recife e o cidadão governador deste Estado, o qual enviou-nos tambem os retratos de tres membros da familia do ex-imperador, que figuravam n'um dos salões de palacio.

Obsequiou-nos o barão do Rio Branco com a remessa de tres photographias, copiadas de quadros existentes na galeria antiga de Florença; sendo uma do governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides, outra do almirante Pedro Jacques de Magalhães e outra do general Francisco Barreto de Menezes.

Estes ultimos retratos, sobretudo, recordam dous vultos eminentes na guerra da restauração, a quem assiste o direito de occupar um lugar distincto em nossa galeria, ao lado de Vieira, Camarão, Henrique Dias e Negreiros; pois o primeiro, o almirante Jacques de Magalhães, foi o chefe da esquadra que bloqueou em 1654 o porto do Recife; e o segundo, o bravo general Barreto de Menezes, foi, como aquelles, um dos restauradores de Pernambuco; foi, como elles, o valente cabo de guerra, que deixou nos Guararapes um pedestal para a sua esta-

tua; foi em uma palavra o famoso Leonidas das Thermopylas pernambucanas.

—

Basta, senhores.... o dia 27 de janeiro, que hoje commemoramos, relembra uma dáta gloriosa nos fastos do Brasil; relembra o ultimo canto de uma Illiada, que espera ainda o seu Homero e que em nada cede á daquelle poeta, na serie brilhante de feitos heroicos, que aqui se representaram por espaço de 24 annos.

E de feito, ao lermos a narração dos successos gloriosos, de que foi theatro a patria pernambucana; ao admirarmos, com orgulho, os exemplos de virtudes civicas, que nos deixaram os nossos maiores, n'aquelle memoravel periodo, dir-se-hia que folheamos uma pagina arrancada da historia grega e intercalada na historia de Pernambuco.

Refere um escriptor que, para promover exclusivamente o amor da patria, estabelecera Lycurgo as *conversas dos Lechés*, especie de associação, onde os velhos relatavam aos moços as proezas de seus antepassados.

Nós do Instituto temos tambem essa missão; e, si pouco temos feito, em relação ao muito que deveriamos fazer, força é confessar que para isso ha concorrido a indifferença dos contemporaneos.

« Como os veios d'agua, que, depois de fertilisarem os campos, formam os rios, que por sua vez vão pagar o seu tributo ao oceano, as associações, da natureza do Instituto, enthesourando os escriptos, as tradições e os monumentos relativos á localidade que representam, constituem abundantes mananciaes, que afinal concorrem para formar a corrente caudal da nossa historia».

Não é, portanto, sem utilidade que aqui nos reunimos; nem, por olharmos de preferencia para o passado, seguese que seja retrograda a nossa missão: nós caminhamos tambem para o futuro, mas, como já o disse alguem, a semelhança dos remadores, que tem as costas voltadas para o ponto a que se dirigem.

E, como na altissima cordilheira dos Andes, (para

servir-me da comparação de um poeta) alimenta-se o fogo interior dos vulcões, apesar das camadas de gelo, que lhes cercam os flancos, assim concluirei, fazendo votos para que no seio do Instituto continue sempre ardente o amor da patria, não obstante o frio, o gelo e a indifferença dos contemporaneos.

João Baptista Regueira Costa.

DISCURSO

DO

ORADOR DO INSTITUTO

Illustre General Governador, cidadãos.— O Instituto solemnisa hoje o 28.° anniversario da sua creação. E' um anniversario que recorda outro; o da restauração da patria pernambucana que nos fez brazileiros de uma só origem, que firmou a integridade do Brazil e o constituiu nação poderosa na America do Sul.

O invasor hollandez depoz hoje o sceptro ferrenho do seu predominio de 24 annos ás vibrações sonoras do hymno da victoria, ás saudações patrioticas pela reintegração do territorio nacional.

O Instituto recolhe e publica os documentos d'aquelles chorados tempos em que a emulação do nome pernambucano, a honra e o amor da patria realisavam acções que nós, descendentes degenerados d'essa vigorosa geração que passou, julgamos impossiveis!

As altas concepções e o valor que as realisa foram sempre poderosos incentivos de fortalecimento do espirito humano.

Conseguintemente o anniversario do Instituto recordando o da restauração vem despertar do lethargo as nossas imaginações pelo exemplo do passado e ante os quadros mais distinctos da nossa existencia nacional, apontar o caminho do engrandecimento da patria.

E' esta, cidadãos, a maior homenagem que o Instituto podia tributar aos heróes e benemeritos pernambucanos, que tambem o são dos Estados-Unidos do Brazil, unidos pelos esforços e bravura com que souberam disputar e vencer as hostes aguerridas do invasor hollandez, e restituir Pernambuco ao Brazil.

A nossa romaria á este logar, romaria de todos os annos, convicta, systematica e fervorosa para depôr no

altar da patria um ramalhete de saudades, á memoria dos nossos maiores, é ao mesmo tempo um poderoso incentivo para fugirmos d'esse torpor acabrunhante, tão contrario ao desafôgo das aspirações generosas, como opposto aos vôos do engenho litterario.

*
* *

Cidadãos, o principe João Mauricio de Nassau dizia no seu notavel relatorio ao Supremo Conselho da Hollanda (1638) :

« Os que quizerem tirar proveito do Brazil não devem vir com as mãos vazias, mas com algum cabedal para compra de negros, sem os quaes não conseguirão fazer fortuna. »

Foi assim pensando que fez assaltar a costa da Africa Occidental e arrebatal-a da posse dos portuguezes. Desde então não houve anno em que não partissem milhares d'escravos para Pernambuco, onde eram vendidos aos nacionaes ou entregues aos administradores nacionaes dos engenhos hollandezes, visto como estes não sabiam ou não podiam lavrar a terra e manipular o assucar.

João Mauricio comprehendia que, sem capital e braços, não podia o colonisador hollandez esperar lucros da agricultura, e voltar rico para o seu paiz. Presentia o principio moderno, de que a propriedade não é duravel, senão quando produz vantagens superiores ao trabalho empregado, ou como se dizia então em forma de adagio : « Quem quizer levar o Brazil do Brazil, traga o Brazil para o Brazil, » isto é : quem quizer fazer fortuna no Brazil traga capital para o Brazil.

Os braços mais apropriados á cultura da canna, pensava elle, eram os africanos, pelas condições climatericas do paiz, á que o europeu do norte não resistia pela influencia exercida sobre o seu organismo.

Assim era, com effeito, e por essa razão nunca se tentou a organisação de uma só colonia agricola, apezar do grande preço do assucar remunerar admiravelmente o capital e o trabalho

Moucheron dizia ao Assessor Walbeck no seu relatorio de 1643 :

" Os Hollandezes que passam para o Brazil afim de estabelecer a sua residencia são ordinariamente pessoas de pouca fazenda e as mais das vezes o seu fito é vender a retalho alguma mercadoria, estabelecer taberna ou exercer algum officio...

" Do pequeno numero que tem explorado a agricultura, nenhum tem tirado proveito por falta de conhecimento do trabalho...

" Os moradores portuguezes estão affeitos a isso, e commummente vivem d'agua, farinha, bacalháo e legumes, de modo que em alguns engenhos não ha vinho por muito tempo. Os nossos compatriotas não se contentão sómente com tomar á meza um trago de vinho ou cerveja e gostam de reunir as vezes os seus amigos, donde resulta que as despezas de manutenção são mui desiguaes : onde um pode subsistir, o outro se arruina. »

Não era certamente a causa da desigualdade da subsistencia pelas maiores despezas na manutenção entre portuguezes e hollandezes que produzia a ruina e a impossibilidade de poderem uns viver no Brazil e outros não.

A causa estava em outra parte, na impossibilidade de adaptação nas terras tropicaes e onde pretendiam encontrar no pesado cultivo da canna meios de subsistencia e de fortuna.

Potencia maritima com pretenção ao dominio dos mares, a Hollanda, segundo a grave autoridade de Cezar Cantu, crescia no mar tanto quanto minguava em terra. Sulcando o oceano em vez do sólo, servia de celleiro ao mundo sem campos a rotear. Era o armazem geral sem produzir cousa alguma.

O portuguez mais facilmente se adaptava ás condições mesologicas do paiz, principalmente o insulano dos Açores, cujo clima se aproxima do nosso. Deixando a sua terra para viver aqui, frugal e sóbrio, não tanto por systema como por indole, procurava no trabalho o seu bem estar, radicando-se ao solo, onde encontrava lauta compensação dos seus esforços.

Mauricio descobrira na escravidão elementos de

prosperidade, mas não pensava, que o grande numero d'escravos podia supplantar a raça européa e formar no Brazil hollandez um S. Domingos das Antilhas.

Quando rompeu a guerra da restauração, os escravos debandaram-se, e mais de vinte mil, como pretendem alguns escriptores, homisiaram-se na Serra da Barriga, e ahi constituiram a celebre republica dos Palmares, que tanto deu o que fazer aos governos subsequentes.

Deveis saber, cidadãos, que ahi existia um chefe supremo, justiça civil, organisação militar e fortificações poderosas. Que os mo.adores proximos se haviam submettido, contribuindo para a manutenção e progresso da republica.

Era a semente que tinha de produzir a extincção de uma raça superior, si o esforço do animo e do braço não lograsse destruil-a, quando desabrochava em viçosos rebentões aos raios do sol do equador...

Os portuguezes que procuraram o sul do Brazil foram mais felizes que estes. Encontraram uma zona mais benigna e affeiçoada ao seu organismo, a paz e as minas de ouro.

O cruzamento das raças vermelha e negra produziu homens aventurosos e audazes que invadiram o interior, inaccessivel até então aos primeiros ensaios do progresso, e o foram devassando sem pensarem talvez n'essa especie de posse corporal que iam tomando em nome da corôa de Portugal.

Esses homens não contemplavam a natureza, venciam, escravisavam e repelliam os aborigenes para as solidões do norte; não se occupavam em admirar as suas maravilhas, mas de arrancar-lhe os thesouros occultos.

E assim caminharam, caminharam sempre, noite e dia até desvendarem aos olhos de todos as riquezas naturaes d'essas pittorescas regiões, que posteriormente se chamaram Goyaz, Matto-Grosso e Rio Grande do Sul.

Hoje que conheceis a posição geographica d'esses estados, bem podeis avaliar quantas difficuldades não foi preciso superar para chegarém á elles, percorrel-os por extensos campos e medonhas brenhas desde o interior de S. Paulo, até o ultimo, sem locomoção e sem alimentos.

Tivemos tambem, cidadãos, as nossas *bandeiras*, como se chamavam as invasões perigosas desses homens destemidos :

Domingos Mafrense deixou o seu poiso do Sobradinho no alto S. Francisco, atravessou a Serra Dois Irmãos e ganhou as planicies do Piauhy lutando sempre com as hordas ferozes d'esses logares, ferindo e sendo ferido !

Apossando-se de uma vasta zona de soberbos terrenos no interior do estado estabeleceu numerosas fazendas de gado, as quaes por sua morte passaram aos jesuitas e pela extincção destes ao governo, e taes são as fazendas de gado que a nação alli possue.

O que faltava segurar era o littoral, e Pernambuco lutava neste sentido como a unica personificação d'aquelle seculo, personificação que a geração de hoje amesquinha porque é incapaz de assumir as proporções grandiosas que projectam tanta luz atravez da historia.

* *
*

Do que ficou dito em traços largos e por ventura em termos pobres e phrases desalinhadas, procurei fazer conhecidos dois factos da maior importancia historica que nos pertencem e sobre os quaes repoisa toda a grandeza da nação brasileira :

" A integridade d'esta patria estremecida e o predominio da raça latina sobre as inferiores. "

A restauração, cujo anniversario hoje nos ennebria, e a povoação do norte como consequencia della deveriam ser motivos da maior consideração e benevolencia da parte dos poderes constituidos.

Consolemos-nos com as recompensas dos fuzilamentos e cadafalsos erguidos em 1817 e 1824, com as prisões e degredos de 1848, com o abandono e miseria em que vivemos ha 41 annos, depois d'esta ultima epocha.

Surgem agora felizmente pontos luminosos no horisonte da patria e a mão de Deus hade fazer com que elles se dilatem para illuminar e aquecer esta bella terra que jaz sepultada n'uma lethargia profunda e completa.

Uma sociedade de convenção, creada para obliterar

os traços preciosos do caracter individual; a indigencia pela brusca suppressão do imposto de consumo, a titulo de beneficio ao commercio, quando este nada soffria indemnisando-se do consumidor pela alça do preço; a falta de protecção á lavoura, fonte da riqueza publica; a gravosa imposição sobre os pequenos ordenados do funccionalismo, incongruente augmento da renda do Estado pelas despezas do Estado, para se ter obras publicas que nunca se realisaram, e se retirar da vista do nacional e estrangeiro o tristissimo espectaculo da mendicidade que se accumula nas pontes, e ruas, recolhendo-a a um Asylo de caridade que ahi existe, mas que não preenche o seu fim: tudo isso, Senhores, nos rodeou de uma athmosphera de gelo que abafou os energicos impulsos d'esse fogo intimo que só se accende aos magnificos quadros do progresso real de um paiz que caminha em todas as direcções da ventura publica.

Acabe a Republica com a origem de todos esses males, conhecidos e remediaveis, procure extirpal-os pela raiz, auxiliando a actividade individual; procure lançar suas vistas patrioticas para o norte, e principalmente para esta terra de legendario heroismo e regular os seus destinos pelas licções da historia.

* * *

Ainda, Senhores, a pesada tarefa na execução do artigo da nossa lei organica, mandando rememorar os serviços prestados ás lettras e á patria pelos nossos consocios fallecidos.

Difficil tarefa!

Porque o pensamento, que presidiu a lei na homenagem ao genio creador e estimulo á fecundação no dominio das creações do espirito, é de difficuldade insuperavel, quando não se conhece os serviços de alguns nos registros da publicidade.

Foi entretanto grande este anno a ceifa da morte nos membros do Instituto. Tombaram ao seio da terra:

O coronel Marcionillo da Silveira Lins, o major José Polycarpo de Freitas, o commendador Manuel

Camillo Pires Falcão, o dr. Aureliano Augusto Pereira de Carvalho, o major Laurentino José de Miranda, o conselheiro visconde Vieira da Silva, o conselheiro José Fernandes da Costa Pereira e o Dr. Luiz Ferreira Maciel Pinheiro.

Da herança legada pelos primeiros quatro que figuram nesta lista mortuaria, é crescido o valor do acervo da vontade em fazer o bem, da magnanimidade d'alma em consolar os fracos, da grandeza e generosidade em accudir e alliviar as necessidades dos que lutavam e padeciam dos rigores da sorte.

São virtudes talvez individuaes, inspiradas na pureza do bem, e o bem, senhores, é um elemento de ordem e a ordem um grande auxiliar do progresso social.

Sem diminuir nos ultimos as mesmas virtudes e igual nobreza, accrescentarei alguns factos que se prendem mais directamente ao preceito da nossa lei.

O major Laurentino José de Miranda foi um homem de grande actividade e de fé no futuro de sua patria. Os impulsos do seu espirito nunca o levaram ás explosões dos principios politicos, que muitas vezes degeneram para cahir n'uma fluctuação quotidiana ephemera, que mais accusam pretenções ambiciosas do que amor pelo engrandecimento e bem estar dos concidadãos.

De uma vida singéla e intima, sem historia de agitações e lutas, voltou a sua actividade para a industria.

As grandes difficuldades creadas na concessão e execução da via-ferrea urbana do Recife á Beberibe e Olinda, talvez a unica empreza organisada com capitaes desta cidade, de pobres e ricos, iam-n'a fazer desapparecer pela fragilidade das obras e competencia da via-ferrea do Caxangá que não a queria ter por visinha, donde lhe resultaria distracção das rendas e desvio de passageiros para aquelles pontos, condemnados á inacção e á morte.

Laurentino José de Miranda, chamado para dirigir a viação, reformou tudo, assegurou aos passageiros confiança e commodos, construio estações e imprimiu no serviço o cunho da sua actividade, regularidade e ordem, de forma que a empreza condemnada a desapparecer,

ergueu-se de repente, e passou dos paroxismos da morte á exhuberancia da vida.

Fadado para grandes emprehendimentos pela illustração, moralidade e actividade do seu espirito, não poude chegar ao ponto á que parecia destinado. O seu organismo, invadido por uma sorrateira e cruel enfermidade, arruinou-se e a morte o veio arrancar por entre lagrimas dos braços do seu digno irmão, nosso distincto consocio o conselheiro Quintino José de Miranda, e saudades desta terra que lhe deu o berço e acatava.

O conselheiro visconde Vieira da Silva, natural do estado do Maranhão, foi educado na Allemanha, onde distinguiu-se pelos seus talentos e estudos de modo a conquistar os primeiros premios da Universidade, a consideração dos mestres e apreço dos collegas.

Escreveu e publicou a *Historia do Direito Romano*, livro geralmente apreciado e que o recommendou á estima dos seus concidadãos que por isso e pela vastidão dos seus conhecimentos litterarios o levaram á camara dos deputados e a senador, em cujas funcções morreu.

O visconde Vieira da Silva era tão possante de intelligencia, tão rico de conhecimentos variados, como recolhido em publico em occasião de os manifestar. Os annaes das duas casas do parlamento não accusam as feições correctas da sua notavel individualidade.

O seu temperamento abafava a imaginação e neutralisava a força que era mister apresentar nas lutas da intelligencia para obter os louros da victoria.

Chamado para fazer parte do gabinete de 10 de março prestou serviços á causa publica e convidado depois para organisar novo ministerio não o conseguiu, apesar das diligencias que empregou. N'isso, porém, entrou menos a sua competencia do que o estado politico do paiz, que faria recuar os mais esforçados campeões do seu partido.

Vieira da Silva sabia pintar, expor e extrahir do estudo lições proficuas e ensinamentos esclarecidos do passado.

O seu logar não era aquelle, mas no gabinete soli-

tario do estudo, onde não ha querellas, nem discussões apaixonadas. Era ahi que deveria estar para tomar vôo, observar do espaço as miserias mundanas e procurar nas harmonias da natureza, nas grandezas do universo, o bello em toda a sua pureza e apontar o caminho da perfectibilidade humana.

Morreu logo depois de senador, ministro e da mallograda incumbencia de que foi encarregado.

A patria e mesmo a humanidade podiam gosar dos beneficos resultados da sua applicação; desappareceu, porém, quando a idade não havia ainda fatalmente annunciado o termo proximo da existencia.

O conselheiro José Fernandes da Costa Pereira foi presidente de algumas provincias e duas vezes ministro d'estado. Isto quer dizer que era homem de merecimento e não recusava os seus serviços, quando chamado a prestal-os em proveito directo da causa publica.

Foi nos gabinetes em que figurou, que se iniciou e concluio a grande reforma social pela redempção dos captivos. O seu nome prende-se a esses dous factos, que assignalam duas épocas gloriosas da historia brasileira, e a sua memoria ha de perdurar sempre, como a luz que dissipou as trevas dessa corrupção assustadora, que a religião, a razão e o progresso aconselhavam a sua extirpação em honra da humanidade e da fraternidade social.

O conselheiro Costa Pereira representou o estado do Espirito Santo por diversas vezes na camara quatriennal, e o paiz tinha muito a esperar da sua efficaz collaboração, quando desappareceu d'entre os vivos para gosar na eternidade o premio das suas virtudes.

O dr. Luiz Ferreira Maciel Pinheiro nasceu na Capital do Estado da Parahyba do Norte.

Ainda estudante da Faculdade de Direito ergueu-se cheio de enthusiasmo á declaração da guerra contra o Brazil pelo governo da republica do Paraguay, tomou armas como voluntario da patria e seguiu a vingar a honra nacional do seu paiz offendida com aleivosia e ignominia por aquelle governo.

Um anno depois voltou a concluir os seus estudos, e em seguida tomou posição na imprensa jornalistica pro-

curando engrandecer e fortificar as ideias liberaes, revelando brilhante talento nas lutas que ahi travou contra os desmandos e perseguições politicas.

Nomeado juiz de direito do Ceará, d'onde passou para este Estado, encontrou-se na comarca de Timbaúba com uns Senhores feudaes, que pretenderam embargar-lhe os passos no caminho da justiça e do dever.—

Maciel Pinheiro, homem de convicções profundas, de sentimentos de justiça, patriota ardente e inimigo do despotismo, não lhes voltou as costas, esperou a luta cobrindo-se com a lei.

O governo geral, longe de vir em apoio de Maciel Pinheiro, que representava a autoridade e a lei, pronunciou-se pelos contrarios, e o removeu para a comarca de Breves no Pará, paludosa e miasmatica, como se lhe designasse em vida o cemiterio onde em poucos dias seria sepultado.

Lutando com acerbos e longos infortunios, partiu apezar disso, e chegou á Belem dous dias antes de terminar o praso da posse. Não encontrou meios de se transportar á comarca dentro desse periodo; o ministro o considerou immediatamente avulso !

Castigava-o pelo seu acrysolado amor á patria, pela qual sacrificára commodos e arriscára a vida na guerra ; castigava-o pela propaganda abolicionista, brilhantemente sustentada por elle na imprensa ; castigava-o pelos laços de fraternidade que procurava estreitar entre todos os brazileiros em bem da patria.

Maciel Pinheiro respondeu ao ministro devolvendo-lhe a toga de magistrado !

Procurou na advocacia e no ensino o pão para os filhos, sem comtudo abandonar a imprensa, lei a que obedecia fatalmente como uma faculdade productiva da natureza organica.

Fundou o orgam republicano, diario de grande formato e sempre inspirado nas bôas ideias.

Sabia que se matava com esse trabalho enorme, principalmente depois do acto do ministro e das novas lutas de todos os dias que o chamavam a brecha, onde era preciso multiplicar as suas faculdades, aparar os gol-

pes dirigidos á cada momento, como se estivesse encerrado n'uma praça sitiada.

Esses grandes trabalhos e esses grandes pesares produziram-lhe fortissima explosão no coração, á que não poude resistir : tombou e cahio. A sua bella alma subiu ao seio de Deus, no momento em que, como Moyses, avistava a terra santa da promissão.

*
* *

Desculpae-me, Senhores, por ter abusado tanto da vossa generosa attenção.

Recordar as acções magnanimas e as virtudes excelsas dos que viveram, é favorecer o movimento da transformação social para se attingir mais promptamente, pelo exemplo do bem, os grandes destinos da humanidade.

*
* *

Cidadão Governador, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano cordialmente vos agradece a cooperação prestada da vossa parte para o exito brilhante desta festa commemorativa das grandezas da patria, e a gentileza da vossa presença neste recinto, com o que mais viestes accentuar a lembrança das nossas tradições gloriosas.

Comprehendestes perfeitamente que, sem estas manifestações, que são tambem uma forma da historia e um meio intuitivo de conhecer e firmar os seus mais brilhantes periodos, a honra e o patriotismo deixariam de ser o que devem ser, e a falta de sentir, ou destas duas mais notaveis feições moraes de um povo, seriam a abjecção ou a ultima degradação da dignidade humana.

Comprehendestes que o povo possue profundamente a fé e o culto das velhas tradições, e que para mantel-as e perpetual-as com o profundo respeito transmittido pelos seculos, basta repetil-as por impressões vivas,

Vós assim o fizestes auxiliando-nos, na conservação

dessas patrioticas reminiscencias que serão uma persistencia do passado com todas as garantias do futuro.

Ajudae-nos na diffusão dos nossos escriptos retardados por falta de meios, pois não temos outro patrimonio se não os nossos proprios recursos e um minguado subsidio votado pela antiga assembléa provincial, tão generosa aliás quando entendia, que devia sel-o sob ontras relações.

Fazei preservar este edificio, repositorio de grande riqueza historica, archeologica e paleontologica, do vandalismo de uma classe da mais baixa extracção que emprega meios de destruil-o e faz dos degráos destas portas exteriores cama, mesa e serventia das mais ignobeis acções. Não falo em calçadas porque, bem o vêdes, o edificio não as tem com grave prejuizo de sua segurança.

Essas pequenas despezas não aggravarão por certo, o nosso estado financeiro, quando mesmo não fossem productivas, antes assignalarão cada vez mais os traços brilhantes da voss apassagem por esta terra, mais um serviço as suas lettras e ao seu progresso.

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambncano, como já o disse, agradece a honra da vossa assistencia e dirige-vos um cordeal amplexo de reconhecimento e fraternidade.

Disse.

Maximiano Lopes Machado.

---

27 DE JANEIRO

E' esta uma das mais gloriosas datas da nossa historia colonial.

A 26 de Janeiro de 1654, o general portuguez Francisco Barretto e o general hollandez Sigismundo van Schop assignaram no campo do Taborda a celebre capitulação, em virtude da qual a cidade do Recife e com ella todo o Brazil neerlandez foram restituidos a corôa de Portugal.

No dia seguinte, 27, e, portanto, ha 234 annos passados, João Fernandes Vieira, um dos principaes organisadores e directores da revolta de 1645, tomou posse da bella cidade Mauricia, fundada pelo Conde de Nassau para ser a perola do Occidente, assim como Batavia o era do Oriente.

As leis e os costumes hollandezes e a propria raça dos invasores não deixaram vestigios de si nas capitanias conquistadas. Em Pernambuco apenas se conhece uma familia de descendencia hollandeza. A vida aguerrida e aventurosa de soldado, porem, que, durante tantos annos de incessantes lutas, levaram os moradores de Pernambuco, e o justo orgulho de que ficaram possuidos pela victoria alcançada sobre um tão terrivel adversario, actuaram fortemente no animo dos Pernambucanos e deixaram um traço bem accentuado no seu caracter. Desde então vemol-os agitar-se sempre por idéas politicas, tomar a iniciativa ou uma larga parte de intervenção em todas as grandes e generosas reformas sociaes.

Nos fins do seculo XVII elles se revoltaram para impedir que o Marquez de Cascaes, de accordo com as ordens regias, tomasse posse da capitania de Itamaracá, que os moradores haviam reconquistado com o seu sangue.

Em 1710 a guerra dos mascates é a primeira e forte manifestação do sentimento da nacionalidade brasileira. Em 1817 as idéas republicanas da America do Nor-

te lá encontraram echo. Em 1824, Pernambuco prefere separar-se do resto do Imperio a permanecer na união sob o regimen autocratico do primeiro imperador. Em 1848, parece que esse espirito de resistencia e de iniciativa deu o seu ultimo lampejo; dizemos parece, porque na realidade não se extinguio, mas transformou-se para se expandir no terreno da legalidade. O voto de 14 de Setembro ultimo não é uma prova disto?

Não é raro ouvir-se lamentar a victoria de 27 de Janeiro. Comquanto o valor e a tenacidade com que os Pernambucanos reconquistaram a sua patria invadida pelo estrangeiro, sejam virtudes heroicas que os honram muito, diz-se que, aos olhos do historiador philosopho, seria preferivel que a parte septentrional do Brasil antes ficasse sendo uma colonia da industriosa Hollanda, do que voltasse a ser uma obscura possessão do decrepito Portugal.

Não pensamos assim. Sem duvida, facil é verificar, si confrontarmos a civilisação hollandeza e a portugueza no seculo XVII, que á Hollanda cabe uma incontestavel superioridade.

De Portugal se póde dizer que já então havia percorrido o cyclo dos seus destinos historicos.

Depois dos seus descobrimentos e da sua expansão colonial a vitalidade d'aquelle pequeno reino estava exhausta e a decadencia era inevitavel.

A Hollanda, pelo contrario, iniciava uma era nova, a das industrias, das artes e das liberdades politicas.

Portugal representava o passado, a Hollanda inaugurava, digamos assim, o futuro.

Mas, si os hollandezes possuiam qualidades superiores e dispunham de maiores elementos de civilisação do que os portuguezes, não acreditamos que bastasse isto para que o Brazil septentrional viesse a ser mais prospero sob o regimen hollandez.

Os portuguezes, povo do meio dia da Europa, aclimaram-se admiravelmente nas regiões tropicaes do Brazil; no seculo XVI a colonisação se estendeu desde S. Paulo até a Parahyba; no seculo seguinte occupou todo o littoral e penetrou no interior.

A raça branca tornou-se dominadora e assegurou a sua influencia civilisadora sobre as raças inferiores.

Os hollandezes, povo do norte do continente europeu, não poderiam medrar do mesmo modo em um clima tropical. As suas colonias do Oriente bem o mostram.

Lá as familias de pura origem hollandeza são mui pouco numerosas pelo obstaculo invencivel que a sua expansão tem encontrado. Cresceram as raças mestiças e são estas que predominam.

O mesmo facto ter-se-hia dado no Brazil. Ao lado da fraca emigração dos brancos, a forte emigração dos negros, pois que a politica da Companhia das Indias Occidentaes foi, desde o 1.° dia da occupação do Brazil, abastecel-o de negros tirados das suas possessões africanas.

O hollandez foi ainda mais escravista do que o portuguez. A cançada phrase de que o Brazil não póde existir sem negros, foi pela primeira vez formulada por Mauricio de Nassau em um relatorio que dirigira em 1639 á Assembléa dos Dezenove.

Cresceriam, pois as raças cruzadas, minguaria a branca ; a dissolução dos costumes seria extrema, o nivel da mentalidade e da moralidade desceria consideravelmente; e ao tempo em que o sul do Brazil, como colonia portugueza, poderia operar a sua emancipação politica e tomar lugar entre as nações civilisadas, o norte do Brazil offereceria o espetaculo de um povo semi-barbaro, incapaz de dirigir os seus proprios destinos.

Não é verdade que a grande victoria dos moradores de Pernanbuco tenha tido como resultado definitivo um regresso na civilisação do Brazil septentrional.

27 de Janeiro de 1654 brilha como uma grande data nacional.

Dr. José Hygino.

(Publicado no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, em 1888).

O LOCAL DO MONUMENTO

O *Jornal de Noticias* da Bahia (o qual somente agora podemos ler) occupou-se a 26 de Junho, em combater a idéa da preferencia do Campo da Polvora—*rebaptisado* por uma camara de Praça dos Martyres para ser n'elle erigido o monumento Dous de Julho.

Não nos interessa o local preferido ; é nos indifferente que elle seja erguido em Caixa-Pregos, na Sapoca ou mesmo, se o quizerem, nos Peccados Mortaes. O que, porém, não podemos tolerar é, que atrevidamente se insulte a memoria veneranda dos patriotas de 1817, que alli tombaram aos tiros homicidas do Conde dos Arcos.

O povo bahiano, diz elle : « não admitte, que o « Campo da Polvora seja a Praça dos Martyres da sua « liberdade, aquella em que se justiçaram malfeitores « de toda a *especie*. O que quer o povo é um monu- « mento ao facto especial, que lhe é inteiramente *pecu-* « *liar*, do movimento, da luta, e da victoria havidas « aqui na Bahia, graças ao denodo, a abnegação, aos sa- « crificios e ao heroismo dos filhos della. E os marty- « res de 1817 nada tiveram com isso. »

Quem quer que seja o autor do artigo, calumnia miseravelmente o povo bahiano em suas manifestações generosas. Se o Campo da Palvora foi *rebaptisado*, dando-lhe uma Camara, expressão do povo, o nome que tinha tido de Praça dos Martyres, isso prova que na Bahia ainda existe infelizmente um bando de enfezados bairristas, capazes de darem um olho ao diabo, com tanto que furem os dous ao visinho, a quem não podem imitar.

Não quiz certamente a honrada municipalidade da Bahia tornar immorredoura a fama dos malfeitores de toda a *especie*, que alli desappareceram ao cutello do algoz. Pensar deste modo, seria irrogar-lhe uma injuria, depois de a calumniar em seus nobilissimos sentimentos. O que ella quiz e o que todos sabem, foi pagar uma divida de gratidão á memoria d'aquelles, que souberam

morrer pela patria sem um gemido de angustia, sem uma palavra que comprometesse o patriotismo dos bahianos na sua adhesão á causa de Pernambuco. Foi o que fez a illustre municipalidade da Bahia, embora a contragosto dos descendentes e partidarios do famigerado Antonio José Correia.

Se os acontecimentos dos dias anteriores não houvessem precipitado o 6 de Março, ou mesmo se a revolução tivesse por fim collocar D. Pedro no throno, com o conde dos Arcos ao lado, dispondo da vontade do principe e dos destinos do Brazil, nem Pernambuco teria a sorte que teve, nem a Bahia seria explorada em suas algibeiras como foi.

Assim, porém, não aconteceu. O conde fez arcabusar o padre Roma; insinuando ao mesmo tempo que estava de posse de todos os papeis encontrados em poder deste para se impôr pelo terror em todos os animos. D'ahi por diante tudo era facil: os patriotas bahianos viram-se forçados a pactuar com o despotismo do governo, e o dinheiro arrancado pelo medo afogou a liberdade em ondas de sangue.

Não obstante a posse daquelles papeis, como dizia, nem ao menos simulou um só processo, para fazer grassar que a revolução de Pernombuco não tinha cumplices na Bahia. Mas em compensação, embolsou cem contos de réis com que mimosearam os fieis vassallos de D. João, do veneravel *Enéas* de Varnhagem, indo depois occupar no Rio de Janeiro o palacio (hoje do Senado), que aquelles mandaram construir e lhe deram ainda em paga dos seus grandes serviços e de sua irrecompensavel benevolencia.

Quanto a sorte, porêm, é mal segura !...

Quatro annos depois, quando a desgraça lhe bateu á porta, quando preso e arrancado d'aquelle mesmo palacio de calça e jaqueta, como um malfeitor, exposto as chufas da gentalha e aos sarcasmos da indifferença, no seu trajecto para bordo do *Trese de Maio*, aquelles mesmos, que o haviam coberto de presentes, torceram-lhe o rosto, não consentindo, apezar da humilhação das suppli-

cas que saltasse na terra hospitaleira da Bahia quando alli passou em viagem para Lisbôa!

Roma morreu presioneiro de guerra, por acto de um conselho de guerra. O seu crime foi o mesmo que em circumstancias mais felizes produzio o 2 de Julho. Morreu pela patria. Morreu salvando a Bahia das scenas de horror representadas em Pernambuco, com temeraria ostentação. Morreu, apontando risonho para o peito, onde guardara o segredo dos papeis, que inutilisara. Morreu sem murmurar uma palavra, sem soltar um gemido, com a consciencia fortalecida pela religião do dever.

Roma não cahiu ao cutello do algoz, cahiu na lucta ás balas de um despotismo feroz e cobarde.

Retirem do Campo da Polvora o pretendido monumento ao 2 de Julho, acabem mesmo com a denominação de Praça dos Martyres, com que o dever e o patriotismo municipal o baptisou e *rebaptisou*; mas o que nunca poderão conseguir, é riscar da historia o nome e a fama do heroico pernambucano.

Estulto bairrismo! e ainda mais estulto o de pretender-se o 2 de Julho exclusivo dos baianos, devel-o peculiarmente ao denodo e ao heroismo dos seus filhos!...

A justiça da historia, porém, não é essa. A lucta e a victoria d'aquelle dia não pertencem sómente a banhianos, mas tambem a pernambucanos, a parahybanos e a cariocas

Se Manoel Pedro conseguiu triumphar dos arreganhos militares de Felisberto Caldeira, outro tanto não aconteceu com Ignacio Madeira. A facilidade que teve a Bahia de libertar-se do absolutismo indolente do conde da Palma para adoptar o regimen constituicional, com a mesma facilidade volveu ao despotismo militar do chefe lusitano.

Contra esta ultima transformação pronunciaram-se algumas villas do interior; mas nem todas ellas estavam preparadas para reagir, nem os animos decididos,

A conservação e a bôa vontade com que a junta governativa servira ora a uma, ora a outra parcialidade; a rapidez com que aquelles movimentos se succederam,

mostram claramente a indecisão de todos os animos na adopção das novas idéas politicas, aliás já traduzidas em factos em muitas outras provincias do Imperio.

Não se póde negar o patriotico esforço de alguns homens do interior em darem impulso ao movimento revolucionario. Mas qualquer que elle fosse, extinguir-se-ia por fim ante a impossibilidade de dar-se organisação militar conveniente aos que se agglomeravam por diversas partes, sem ordem nem governo que repremisse os seus excessos; e ainda mais, em vista da falta de meios pecuniarios exigidos em tão criticas circumstancias.

Madeira, entretanto, dominava a capital, e ainda quando se circumscrevesse a esse ponto, tinha por si a barra, uma esquadra, um excellente exercito e o apoio do governo de Lisboa.

Era conseguintemente impossivel que os bahianos por si sós obtivessem o 2 de Julho sem os importantes auxilios de Pernambuco, do Rio de Janeiro, da Parahyba e Alagôas, e mais que tudo, sem o sincero esforço dos brazileiros na obtenção da sua nacionalidade.

Elles reconheciam tudo isso, e appellando para o governo do Rio de Janeiro, enviou-lhes D. Pedro um pequeno reforço commandado pelo bravo general Labatut.

De Pernambuco marchou logo uma divisão sob o commando do valente José de Barros, uma das glorias de 1817, o qual, reunindo-se a expedição alagoana, marchou sob as ordens d'aquelle general ao theatro das operações.

O talento militar de Labatut, conseguiu em pouco tempo a formação de um exercito regular, que foi engrossando a proporção que de Pernambuco e do Rio de Janeiro chegavam novas tropas, e por fim a esquadra do bravo almirante Cockrane.

Conseguiu-se o assedio da capital, e na primeira investida contra as linhas de sitio pelo exercito lusitano, o sangue que primeiramente ensopou a terra da patria foi o pernambucano, José de Barros, atacado vigorosamente, conseguiu repellir os portuguezes, causando-lhes sensiveis perdas. Por esse acto de bravura, tanto elle como seus oficiaes foram promovidos aos postos immediatos,

Seára, Lamenha, S. Thiago e outros foram distinguidos em ordem do dia.

Passou depois o commando do exercito á Lima e Silva; e Madeira apertado por mar e terra, abandonou a capital, não obstante os auxilios de munições e soldados, enviados de Lisboa.

A entrada das tropas brazileiras na cidade do Salvador, é descripta pelo erudito Ignacio Accioli, em suas *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia*, do seguinte modo:

« Seguia-se a este corpo o coronel Lima, commandante em chefe, com o seu estado-maior e o tenente-coronel José de Barros Falcão, commandante da divisão da direita, e logo o batalhão do imperador commandado pelo major Lima, este batalhão que em oito dias se aprompptou no Rio de Janeiro e embarcou para esta provincia, immediatamente o acompanhava o batalhão de Pernambuco, tendo por seu commandante o major Thomaz Pereira de Mello e Silva, divisando-se nos que o compunham o aspecto da bravura, caracteristica dos pernambucanos, e da qual tantas provas deram nos diversos ataques durante a lucta; mas um quadro certamente mais tocante e pathetico se offerecia n'um grande grupo, que marchava na retaguarda d'esse batalhão, composto de defensores da patria, quasi no estado de nudez e descalços, apresentando gravado em si o cunho das privações soffridas na constancia da campanha contra as quaes tantas vezes exigiu providencias o general Labatut. »

« Após esse grupo... marchava a columna commandada pelo bravo tenente-coronel Manoel Gonçalves da Silva, composta do seu batalhão e dos libertos alistados, etc. (V. 3. pag. 67.)

Eis em ligeirissimos traços como se realisou o 2 de Julho.

Independente o Brazil antes da terminação da lucta a Bahia não podia continuar no dominio de Portugal; e se ella era por isso impotente para quebrar os ferros da escravidão, fossem as outras provincias libertal-a.

A sua submissão ás leis e ao governo do Brazil, completaria o acto da independencia. Foi o que se fez.

Pernambuco contribuio com cerca de mil homens, sendo que a ultima força de 250 praças chegou á Torre a 15 de Maio de 1823. (V. 3.° pag. 1.)

A derrota de Madeira não constitue por conseguinte um facto de ordem peculiar ou somente especial, a Bahia ; mas de ordem geral, da nação brazileira, por cuja integridade véla incessantemente.

O redactor do *Jornal* não é somente um pretencioso bairrista, um semeador de sizanias, que busca entorpecer as forças da communhão brazileira, é além disso um ignorantaço da historia das luctas e das glorias desta torra malfadada.

Se fossemos do seu timbre, diriamos paraphraseando o ultimo periodo do seu artigo :

« Se os pernambucanos mortos em Pirajá e outro pontos da campanha, podessem resurgir da terra que esconde as suas ossadas, exclamariam ao mundo talvez sem injustiça » morremos auxiliando a libertar a Bahia em 1823 do jugo da escravidão portugueza em paga do que ella nos fez em 1817, dando-nos o cadafalso por amor dessa mesma escravidão !...

Melhor, porém, é deixal-os em paz, ainda que a ingratidão procure desfolhar as saudades alli depositadas pelo amor da patria.

Felizmente a Bahia não participa dos sentimentos dessa organisação apaixonada, desse faminto de tolas aspirações.

A' *Folha do Norte*, um aperto de mão pelo seu protesto.

M. Lopes Machado.

EXPOSIÇÃO

DE

Factos historicos que comprovam a prioridade de Pernambuco, na independencia e liberdade nacional, pelo major José Domingues Codeceira, apresentado na sessão extraordinaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 6 de fevereiro de 1890

No *Diario de Pernambuco* de 28 do mez proximo passado vem publicado um decreto do governo provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brasil, datado de 14 de janeiro do corrente anno, considerando dias de festa nacional differentes datas historicas da nossa existencia politica.

Entre ellas menciona-se o dia 21 de abril, consagrado á commemoração dos precursores da independencia brasileira, resumidos em Tiradentes.

Como Pernambucano e um dos mais obscuros membros deste Instituto, levanto-me desta cadeira dando um brado de solemne protesto para que esta gloria seja reivindicada a Pernambuco, a quem de direito pertence, por ter sido a primeira provincia que em seu solo plantou a soberba arvore da independencia brasileira, regando-a com o precioso e generoso sangue de seus filhos.

Pernambuco tem quatro datas gloriosas não esquecidas por seus filhos e por aquelles que conhecem a historia patria, a qual, como alguem já disse, é a historia de Pernambuco:

27 de janeiro de 1654, 10 de novembro de 1710, 6 de março de 1817 e 24 de julho de 1824.

Se já não existe o bravo coronel Pedro da Silva Pedroso, para de novo vir protestar contra a usurpação desta gloria a Pernambuco, como fez a 20 de setembro de 1834, no n. 51 do periodico *Bussola da Liberdade*, que se imprimia na côrte do Rio de Janeiro, quando se dizia que o dr. José Bonifacio fôra o primeiro que dèra o grito da Independencia do Brasil, declarando n'aquelle periodico, com a assignatura de seu nome, que esta gloria sómente a elle pertencia, por ter sido o primeiro que na cidade do Recife, capital de Pernambuco, a 6 de março

de 1817, pelas duas horas da tarde, fizera soar esta pala vra magica, que depois foi echoada em 7 de setembro de 1825, pelo referido dr. José Bonifacio de Andrada, nos campo , do Ypiranga, aqui estamos nós do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, para não consentir que seja roubada a Pernambuco esta gloria, que foi comprada a custa do precioso sangue de seus filhos, e lavrar protesto com as mesmas palavras, com que concluiu o seu, aquelle valente soldado: «Perdôem-me! *o a seu dono.*»

Para prova do que acabamos de dizer, basta recorrer rapidamente aos factos principaes que se prendem a cada uma dessas *datas*.

27 DE JANEIRO DE 1654

Esta data registra o facto occorrido nesta provincia, no seculo XVII de terem os nossos antepassados, depois de renhidas e incessantes lutas de 24 annos, conseguido libertar-se do dominio hollandez.

A historia menciona a dedicação e heroismo com que elles sustentaram, á custa dos maiores sacrificios, essa guerra titanica com assombro do mundo inteiro e até de seus proprios inimigos. Abandonados pela metropole, que via-se a braços com a guerra da Hespanha, estavam entregues aos seus proprios recursos; e a tal ponto chegou o desanimo da metropole que pretendeu deixar ao inimigo todo o territorio por elle occupado no Brasil, que *só por milagre pôde ser restaurado*, como disse o celebre padre Antonio Vieira.

Derrotado o inimigo no Monte das Tabocas, Casa Forte e Guararapes, e em outros encontros, foi forçado a capitular e a se render no memoravel dia 27 de janeiro de 1654.

Se este facto não serve para provar que, sacudindo nós o jugo hollandez, alimentassemos desde então o desejo de libertar-nos tambem de Portugal, porque continuámos a ser subditos desta nação, serve para mostrar que ao denodo, dedicação e valor dos nossos maiores, n'aquelle glorioso periodo, se deve a integridade do vasto

territorio do Brasil, sem o que estaria este dividido e retalhado e por conseguinte sem a força precisa para se constituir, em 1822, estado livre e independente.

Com toda a razão diz o commendador Antonio Joaquim de Mello, na sua obra *Biographia dos homens illustres de Pernambuco*, que o espirito de independencia germinou sempre nos pernambucanos desde a restauração do dominio hollandez, citando em seu apoio o conflicto havido entre o general André Vidal de Negreiros e o general Francisco Barreto de Menezes, oppondo-se aquelle ao cumprimento das ordens deste e a sublevação denominada—Nobreza de 1710—originada do antagonismo especial entre os naturaes e os portuguezes, factos estes que provam tanto ou quanto os votos de independencia.

E assim tambem pensa o notavel escriptor portuguez o Sr. Theophilo Braga. Fallando do recente advento da republica brazileira, disse elle: « E' imperecivel essa obra, porque ella deriva inteiramente da creação da patria brasileira, *nascida nas grandes lutas defensivas contra os invasores e conquistas dos hollandezes, a qual deu aos individuos esse espirito de autonomia que em 1822 se affirmou pela independencia nacional.* »

Finalmente, quem lê os annaes da correspondencia official havida entre os governadores de Pernambuco e os reis de Portugal do seculo XVII depois da restauração desta provincia do poder dos hollandezes, se convencerá de que a idéa de independencia já havia germinado na mente e coração dos pernambucanos, desde o grandioso dia 27 de Janeiro de 1654.

N'essa correspondencia a partir do governo do Marquez de Monte Bello em 1690 a 1693 e tambem na do governador Sebastião de Castro e Caldas na guerra de 1710, vê-se que as queixas manifestadas pelos governadores contra a altivez e orgulho dos pernambucanos eram consideradas como que ameaças de independencia; e que essa idéa já predominava no animo dos pernambucanos, vindo depois manifestar-se claramente no acto do rompimento da revolução denominada dos Mascates no anno de 1710, como adiante se verá.

10 DE NOVEMBRO DE 1710

Cançados os pernambucanos de supportar o governo despotico e tyranno de Sebastião de Castro e Caldas que na maior convivencia com os mascates do Recife procurava desmoralisar os nobres e briosos pernambucanos, descendentes dos heróes illustres que se haviam immortalisado na expulsão dos hollandezes, orgulhosos e arrogantes como elle dizia, por esse facto, conseguira esse governador, no reinado de D. João V, aquillo que os mascates nunca poderam conseguir no reinado de D. Pedro II, a erecção do Recife em villa, oppondo-se fortemente as reclamações que, por parte do senado de Olinda, lhes foram feitas e durante uma noite fez levantar o pelourinho nomeando logo o capitão-mór, vereadores e justiça, e para que sua obra ficasse completa, ordenou a prisão d'aquelles que se haviam mais pronunciado contra a creação da villa; a consequencia foi fatal para elle e para os distinctos pernambucanos, porque travou-se renhida luta sendo o governador ferido por um tiro, ou dous, como querem alguns, disparado na occasião em que passava pela rua das Aguas Verdes tendo sahido da igreja da Penha acompanhado de 25 individuos da sua privança, facto que teve lugar no dia 17 de Outubro de 1710.

O governador Caldas furioso e sedento de vingança, manda prender André Dias de Figueiredo, o capitão Lourenço Cavalcante Uchôa, o capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva e outros, que não sendo encontrados, foram todavia suas casas saqueadas.

Para Santo Antão fez seguir o capitão João da Motta com força para prender o capitão-mór d'aquella villa, Pedro Ribeiro da Silva e para S. Lourenço da Matta o capitão Placido de Azevedo Falcão e o capitão Cosme de Azevedo, com ordem de prenderem o capitão Lourenço Cavalcante Uchôa.

João da Motta é derrotado e prisioneiro em Santo Antão por Pedro Ribeiro, que lhe sahe ao encontro com gente armada na terça feira 4 de Novembro de 1710, e augmenta esta victoria derrotando tambem um soccorro de 90 homens, que lhe havia mandado o governador.

Em S. Lourenço passa-se para os revoltosos Cosme de Azevedo, unindo-se com a gente que estes fizeram reunir no engenho S. João e, tomando o commando, segue para S. Lourenço, onde estava acampado o capitão Placido, que avisado a tempo, manda tocar rebate na quarta-feira, 5 de Dezembro, reunindo 300 homens, mas ao amanhecer de quinta-feira 6, somente achou 40, tendo os demais se passado para os revoltosos.

Cosme de Azevedo, marcha com a sua gente para S. Lourenço onde chega ás 6 horas da tarde d'esse dia, e ahi deixando parte da força segue com a outra por um atalho delle conhecido e chega ao riacho Cachaça, na fralda do outeiro em que está situada a povoação, mas sendo presentido das sentinellas do capitão Placido, na occasião em que subia o outeiro, estas fazem fogo e cahe morto atravessado por duas balas e com elle dous soldados que o seguiam : então trava-se o combate que durou toda a noite e ao amanhecer do dia sexta-feira 7 de Novembro, estava o capitão Placido completamente cercado sendo obrigado a render-se por capitulação, na qual lhe concederam voltar só para o Recife.

Os revoltosos pondo-se em marcha para o Recife, fizeram alto em Apipucos, onde passaram a noite de sexta-feira 7 de Novembro, e na manhã de sabbado 8 em numero de 2.000 vieram acampar na Bóa-Vista e reunidos ao capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, Bernardo Vieira de Mello e outros, entraram triumphantes na villa, no domingo 9 de Novembro: demoliram o pelourinho, esbordoaram os mascates do senado « *com as suas proprias bengallas e cabelleiras*, » fugindo nesse mesmo dia para a Bahia, o Governador Caldas.

Livres do governo despotico e tyranno de Caldas, seguiram para Olinda na segunda-feira, 10 de Novembro, onde os esperavam reunidos o senado e a nobreza para elegarem o novo governador e a nova fórma de governo. (1)

---

(1) Esta acta existia na Camara Municipal de Olinda em original, e foi vista por muitas pessoas, entre estas pelo nosso consocio Dr. Maximianc Lopes Machado, que della dá testemunho; mas procurando-a nós para a fazer publicar não encontramos.

N'este congresso toma parte Bernardo Vieira de Mello, um dos mais activos lidadores que já de muito tempo concebia o plano de sacudir com os mascates o jugo de Portugal, plano que havia combinado com o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha, ha pouco fallecido, toma a palavra e propõe para que se declare a *forma do governo republicano ad instar dos venesianos*, porque só assim dizia elle, ficaria a patria livre dos riscos porque acabava de passar, aplainando em seu discurso todas as difficuldades em vista dos recursos que haviam para a resistencia e a facilidade para uma retirada no caso de máo exito, não lhe esquecendo mesmo o Quilombo dos Palmares, do chefe Zumbi: concluindo que, em ultimo caso, seria melhor entregarem-se aos polidos e guerreiros francezes do que servir aos grosseiros, malcreados e ingratissimos mascates.

A discussão foi longa e todos concordavam com Vieira, mas considerando o projecto audacioso e temerario, resolveram que seria melhor chamar o bispo, que se achava na Parahyba, por ser aquelle a quem competia o governo, em consequencia da ordem regia que existia, visto ser morto o primeiro nella mencionado, que era o mestre de campo João de Freitas da Cunha, sendo o bispo o que se achava em segundo lugar.

O bispo accudindo ao chamado, volta da Parahyba e toma posse do governo no dia 15 de Novembro do referido anno de 1710.

Já se vê, que ao pernambucano Bernardo Vieira de Mello, cabe a gloria de ter sido o primeiro que no solo americano e em Pernambuco, tentou pôr em pratica a independencia nacional e com ella o governo republicano, pagando com a vida na cadeia do Limoeiro os seus impulsos patrioticos.

Os que não cederam ao accordo de passar o goverrno para o bispo, arrostando com todas as consequencias foram: o sobredito Bernardo Vieira de Mello, Antonio de Lima Barbosa, Manoel de Mello Bezerra, Antonio Bezerra Cavalcante, Leonardo Bezerra Cavalcante, André Dias de Figueiredo, José Tavares de Hollanda, João do Rego Barros e o capitão-mor Pedro Ribeiro da Silva.

Portanto, bastante razão tem o illustrado escriptor portuguez o Sr. Theophilo Braga, quando, em continuação do seu citado escripto diz: « Era pela forma republicana que o organismo da nova nacionalidade se manifestava nas convulsões revolucionarias de 1789, 1817 1822, 1824, 1831, 1835 e 1837. » Faltou mencionar a principal, denominada dos Mascates em Pernambuco em 1710, de que nos occupamos.

O governo do bispo permaneceu até o dia 18 de Julho de 1711, dia em que os Mascates se revoltaram contra elle.

Bernardo Vieira de Mello foi surprendido em sua casa pelos revoltosos, que em altos brados pediam a sua morte; chegando á janella para observar aquelle tumulto lhe disparam dois tiros, que por felicidade não o attingiram, mas infallivelmente teria sido morto se não tivesse vindo em seu soccorro o ouvidor José Ignacio de Arouche, que se responsabilisou por elle levando-o á prisão, onde se conservou por todo o tempo que durou a lucta entre a nobresa e os Mascates, no apertado cerco que aquella poz a estes, obtendo quasi sempre o triumpho de suas armas, nos combates que se feriam, sendo afinal solto pelo bispo, a 8 de Outubro de 1711 quando tomou conta do governo para o entregar ao novo governador nomeado Felix José Machado de Mendonça Castro e Vasconcellos, por se ter este recusado a recebel-o das mãos do intruso governador que os Mascates haviam nomeado.

Com a posse do novo governador, Vieira se julgou desde logo perdido, bem como todos quantos o tinham acompanhado no movimento revolucionario e por isto, ainda uma vez lhes propoz a retirada para os Palmares afim de opporem resistencia á tyrannia, que esperava.

A sua proposta não foi aceita e elle se resolveu a seguir só acompanhado de seu filho André Vieira de Mello: alli chegando foram cordealmente recebidos pelo commandante do terço que ficou governando aquelle districto depois da sua rendição, o capitão Miguel Godoy, e ahi se conservou até que lhe chegou a noticia da sua condemnação e da de seu filho na devassa do ouvidor

Bacalhau na qual os declarava proscriptos e todos quantos lhes dessem asylo; encommendado vivo ou morto aos assassinos Camarão e Tunda Cumbe, (1) preferio antes entregar-se com seu filho aos seus algozes do que comprometter o seu bom e leal amigo que tão cordealmente os havia recebido.

Seguindo para Porto Calvo, entregaram-se voluntariamente ao capitão-mór da villa, que incontinente os fez escoltar para Pernambuco onde chegaram a 20 de Março de 1712, sendo recebidos pelo barbaro governador e seu ouvidor aos brados da canalha, que em altas vozes pedia a sua morte na forca, ao que estando disposto o governador mandou formar para este fim uma junta de justiça por elle presidida, persuadido de que podia sentenciar e executar nelles e mais revoltosos a pena de morte!

Felizmente esse tribunal, logo na sua primeira sessão em Junho de 1712 estremeceu diante da responsabilidade da autoridade real e decidio que se esperasse ordens regias, sendo Vieira e seu filho conservados presos na fortaleza do Brum até a syndicancia, do Cotia, na qual foi de novo pronunciado e remettido com seu filho e mais nove companheiros para Lisbôa, onde foram recolhidos ao Limoeiro: nesta prisão acabou elle seus dias amargurados, consumido de desgostos, tormentos e opprobrios, tendo por unica consolação expirar nos braços do querido filho tambem seu companheiro de infortunio e martyrio.

Do mesmo modo acabaram os outros companheiros pagando, como elle, o tributo da vida pela dedicação e amor da patria. Seu filho e os que alli não morreram foram pagar esse tributo no degredo da India.

---

(1) Manoel Gonçalves, d'alcunha *Tunda-Cumbe*, portuguez rustico e grosseiro, de maior idade, feitor do engenho Cumbe, do sargento-mór Mathias Vidal de Negreiros, era o flagello dos miseros a quem feitorisava, os quaes, levados ao ultimo desespero, tomaram a resolução de lhe darem uma formidavel sóva de páo, o que effectuaram. D'ahi lhe veio o apellido— *Tunda*, – alludindo á sóva, e *Cumbe*, ao engenho de que era feitor.

Foi este miseravel, o instrumento de que se serviram os mascates para massacrarem os pernambucanos.

Já se vê, pois que a revolução de 1710 foi um facto consumado e arrojado que teve por fim plantar a independencia e liberdade na patria : faz horror ler-se o massacre que soffreu a nobreza pernambucana, envolvida nessa revolução, subindo o numero de seus martyres a 722 dos mais distinctos e nobres, que no exilio e no carcere do Limoeiro acabaram os seus amargurados dias por amor á liberdade.

Portanto, o dia 10 de Novembro de 1710, marca uma data memoraval para o Brazil e especialmente para Pernambuco, por ser a provincia que pela primeira vez se não realisou, ao menos tentou por factos a independencia nacional e com ella a fórma do governo republicano.

Entretanto, que a inconfidencia mineira não passou de um sonho dourado de seus autores, como bem disse o distincto orador do Instituto Historico; no centenario de Claudio Manoel da Costa :

« Uma conjuração de poetas filha das encontradas ancias de refolego e independencia timida, repercusão nos estrondosos canticos de victoria que aos mundos erguia a America do Norte ; ensaio de conspiração, que não contou senão com o esteril e imprudente enthusiasta de um espirito arrebatado, sofrego e espontaneo— Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

« Tudo foi nullo, mal combinado, tudo incerto, pueril até, tudo desvendado, desde os primeiros tentamens aos olhares attentos e perspicazes da tyrannia que por certo dispensava a traição e infamia de Joaquim Silverio dos Reis, etc. etc. »

6 DE MARÇO DE 1817

Até aqui os precursores da independencia, agora o brado de independencia erguido pelo pernambucano capitão Pedro da Silva Pedroso no quartel de seu regimento nesta cidade, no sempre memoravel dia 6 de Março de 1817, pelas 2 horas da tarde, como elle mesmo diz em sua citada correspondencia, facto que ainda conservam na memoria, narrados por seus pais e avós aquelles que, pertencendo á presente geração, não se dedicam ao estu-

do da historia patria, e sómente d'ella sabem de ouvida aos que presenciaram essa lucta da liberdade contra a tyrannia.

Essa revolução foi completa e pela primeira vez se vio proclamada e tentada a realisação de um governo republicano no solo brazileiro, pelos pernambucanos em sua provincia. O movimento communicou-se a Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagôas. De toda a parte se recebiam adhesões a causa da republica: elegeu-se um governo provisorio, tanto em Pernambuco como nas provincias que adheriram ao movimento: creou-se exercito e armada para defeza da patria, inutilisaram-se as armas reaes e condecorações, abateram-se as corôas portuguezas, abolio-se o tratamento de excellencia, sendo substituido pelo fraternal de— *vós, patriota.* —Estabeleceram-se novas bandeiras para a republica que foram bentas e destribuidas com toda a solemnidade no Campo da Honra (1) (campo de Palacio) pelo deão da Sé de Olinda, Bernardo Luiz Ferreira Portugal, (uma copia dessas bandeiras possue o Instituto) publicaram-se de-

———

(1) O seu primitivo nome era—Campo de Palacio Velho—referia-se ao primeiro palacio alli edificado pelo conde Mauricio de Nassau: depois denominou-se—Campo do Erario—porque, arruinado aquelle palacio, foi construido junto a elle, pelo governador Manoel da Cunha Menezes, o antigo Erario; e Campo da Honra, pelos patriotas de 1817, por terem para alli marchado Domingos Theotonio Jorge e Pedro da Silva Pedroso, com a força de linha de que dispunham, afim de desalojar o marechal José Roberto, que alli se achava com os milicianos, guardando o Erario, conseguiram o seu intento sem derramamento de sangue: o que deu lugar a seguinte quadra popular, que ainda ouvimos cantar:

No Campo da Honra
Patricios formemos,
Que o vil despotismo
Sem sangue vencemos.

Nesse lugar foram executados os patriotas de 1817.

O nome do Campo da Honra não devia ser substituido em tempo algum depois de proclamada a independencia do Brazil, e a sel-o só seria bem substituido pelo de —Campo dos Martyres da Liberdade.

cretos, etc. Emfim, estabeleceu-se um governo livre e independente, mas Pernambuco não podia, por si só, sustentar a liberdade em todo o Brazil e suas irmãs, devendo vir em seu apoio, marcharam contra ella, que, vendo-se abandonada, teve de ceder ao jugo da tyrannia. Succumbio a revolução ! E os nossos heróes tiveram de pagar com a vida no patibulo a sua dedicação e patriotismo.

Na Bahia foram fuzilados ; Domingos José Martins, padre Roma, José Luiz de Mendonça e o sempre chorado padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Este ultimo podendo escapar com a vida, segundo manifestára o Conde dos Arcos, se tivesse negado o seu delicto, preferio morrer, como Catão, a sobreviver para presenciar a desgraça de sua patria !

Em Pernambuco acabaram nas mãos do algoz, no campo da Honra, os benemeritos patriotas : Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima, padre Tenorio, Antonio Henriques Rabello, Amaro Gomes Coutinho, Ignacio Leopoldo, padre Antonio Pereira, José Peregrino e o tenente coronel Francisco José da Silveira. Este ultimo avô do actual ministro do interior, o distincto cidadão dr. Aristides da Silveira Lobo.

A todos esses martyres, depois de enforcados, foram cortadas as cabeças e as mãos e os troncos arrastados á cauda de cavallos, pelas ruas da cidade, até o cemiterio da matriz de Santo Antonio.

Esse espectaculo triste e barbaro da tyrannia, presenciou-o toda esta cidade !

No Rio Grande do Norte, foi barbaramente assassinado o illustre e benemerito coronel André de Albuquerque Maranhão, na occasião de sua prisão.

O autor dos *Martyres Pernambucanos* attribue esse assassinato ao capitão Antonio Germano Cavalcante, que alli commandava a companhia de linha. Referindo o facto, diz, pouco mais ou menos, que elle formando a sua companhia, entrára em casa do inerme e innocente presidente Maranhão, e fingindo a maior cordialidade, começa em traiçoeiro dialogo, e, entre osculos e abraços republicanos, atravessa-o com a espada. Moribundo e pal-

pitante foi arrojado pela janella e recebido na rua pela multidão sedenta de lhe beber o sangue e de lhe espedaçar o cadaver, etc. (1)

Cumpre restabelecer a verdade historica deste facto.

Não é exacto o que diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*. O facto não se passou como elle refere e sim do modo seguinte :

O capitão Antonio Germano tendo adherido á revolução que n'aquella cidade teve lugar a 25 de Março de 1817, tanto que fez parte do governo provisorio, prevendo o máo resultado dessa revolução, procurou rehabilitar-se promovendo com outros uma contra-revolução e no dia 25 de Abril desse anno, reunindo a sua companhia e pessoas do povo, marchou para palacio, e o invadindo com essa multidão que o acompanhava, surprendeu o illustre martyr que se achava sentado á sua banca e intimada a ordem de prisão pelo capitão Germano, aos gritos de *morra a liberdade e viva o senhor D. João VI*, levanta-se de sua cadeira e nessa occasião o portuguez Antonio José Leite, official de milicias, estabelecido n'aquella cidade, e que tambem se achava presente armado de uma espada, dirige-a por baixo da mesa e fere mortalmente o illustre martyr em uma das virilhas ; ainda com vida é posto a ferros e conduzido preso á fortaleza dos Reis Magos, soffrendo mil insultos e ultrages da plebe desenfreada. Na fortaleza é lançado em uma prisão immunda e escura, tendo por cama uma esteira de periperi ; nesse estado expirou n'aquelle mesmo dia 25 de Abril de 1817, sendo o seu corpo envolto n'essa mesma esteira e conduzido em uma rede para a egreja matriz, onde foi sepultado.

Aos seus ultimos momentos assistio o seu amigo o rvd. vigario Feliciano José Dornellas, um dos patriotas e martyres que acompanhou o movimento revolucionario e fez parte do governo provisorio d'aquella provincia, sendo mais tarde um dos presos da cadeia da Bahia.

---

(1) Monsenhor Muniz Tavares, em sua obra -*Historia da Revolução de Pernambuco em 1817*, diz que o illustre martyr fôra apunhalado por um infame portuguez, official de milicia com execranda cobardia.

Este facto me foi referido por diversas pessoas insuspeitas no Rio Grande do Norte, onde estive, quando era ainda muito moço, de 1830 a 1841.

Entre estas pessoas ainda me recordo do velho José Ildefonso Emerenciano, que me disse ter sido um dos que acompanhou o movimento e vio quando o coronel foi ferido por Antonio José Leite, que, ostentando o seu crime, lhe mostrára a lamina da espada ainda embaciada pelo sangue, dizendo-lhe : « veja até onde entrou a espada ! »

Correndo nessa occasião o boato de que o autor desse ferimento fóra um cadete da companhia do capitão Germano, Antonio José Leite deu uma justificação judicial, na qual provou ter sido elle o autor desse ferimento, *o que lhe valeu ser nomeado tenente-coronel de milicias e uma condecoração da Ordem de Christo, dada pelo Rei!!!*

A familia da illustre victima jurou vingar a morte de tão distincto parente, e logo que os negocios politicos tomaram outra face, com a proclamação da independencia do Brazil, tratou de executar o projecto de sua vingança.

Leite escapou aos tiros de duas ou tres emboscadas, que lhe fizeram, mesmo dentro da cidade, pela velocidade do cavallo que costumava montar; mas afinal teve de pagar com a vida o crime que havia commettido 17 annos antes !

Foi morto a facadas na noite de sexta-feira de Passos do anno de 1834, se bem me recordo, achando-se sentado em uma cadeira na calçada da casa de sua residencia o que sei de sciencia propria, porque a esse tempo residia eu n'aquella capital e é facto publico e sabido alli pelos contemporaneos que ainda hoje vivem.

Assim acabaram os patriotas da gloriosa revolução de 6 de março de 1817, tão infelizes que ainda hoje a sua memoria é esquecida pelos distinctos membros do governo provisorio. E o que mais admira é ver que o actual ministro do interior, em cujas veias gyra o sangue nobre e generoso de um dos distinctos patriotas, martyr da independencia do Brasil, em Pernambuco, não se tivesse lembrado, no momento em que concorreu com a sua assignatura para esse decreto, da data de 21 de Agos-

to de 1817, dia em que expirou no patibulo o seu digno avô, um dos martyres da independencia proclamada pelos pernambucanos.

24 DE JULHO DE 1824

Dissolvida pelo imperador a camara constituinte no Rio de Janeiro, fazendo cercar o paço da assembléa com tropas do esquadrão de Minas, batalhão de S. Paulo e artilheria, offerece e manda jurar uma constituição definitiva do imperio; nomeou para Pernambuco um presidente que se havia demittido da junta governativa da provincia por não se achar com força moral para qualquer resistencia; nomeação que por imprudente não quiz revogar, deixando de nomear a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que se achava na presidencia da provincia por eleição dos eleitores, desde 8 de Janeiro de 1824, em consequencia da extraordinaria e illegitima demissão e retirada da junta governativa.

Não quiz ceder as reprsentações e supplicas que lhe dirigiram, sendo até nomeada uma deputação para esse fim. Entretanto, que depois se vio forçado a nomear um terceiro, José Carlos Marynk da Silva Ferrão, quando as complicações e enredos já se tinham multiplicado, a divisão dos partidos estava feita e os animos exaltados.

Todos estes factos e a declaração do imperador a Pernambuco de que uma expedição militar se preparava em Portugal contra o Brazil, e que elle achando-se absorvido na penosa consideração de importantissimos negocios internos, limitado a dispor unicamente dos recursos do Rio de Janeiro, onde tinha organisado um exercito para defeza da capital e uma esquadra então forte, mas que não podia dividir pelo immenso littoral do Imperio, reunia esta esquadra (retirando a parte della que bloqueava Pernambuco) ao porto do Rio de Janeiro, para levar prompto os precisos soccorros a qualquer ponto accommettido e que era indispensavel que cada provincia se valesse de seus proprios recursos em caso de ataque e que com verdadeiro patriotismo todas se reu-

nissem e cooperassem ainda á custa dos maiores sacrificios para o destroço e expulsão do inimigo.

Tudo isto e alguns outros factos e noticias produziram a scisão e recurso á *Confederação do Equador*, proclamada a 24 de Julho de 1824 (1).

A revolução estendeu-se a Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Ainda desta vez não poude vingar no solo brazileiro a arvore da independencia e liberdade: a revolucção succumbio, e os pernambucanos e seus irmãos do norte pagaram com a vida no cadafalso a sua dedicação e amor a patria.

O general Francisco de Lima e Silva, depois de renhidos combates apodera-se da cidade do Recife, e as demais provincias, que haviam acompanhado o movimento revolucionario, cederam ao poder da tyrannia.

Frei Caneca é fuzilado a 13 de Janeiro 1825, Lazaro de SouzaFontes a 20, Antonio Macario de Moraes a 3 de Fevereiro, o major Agostinho Bezerra a 19 de Março, Antonio do Monte, Nicoláo Martins Pereira e James Heide Redgers a 12 de Abril, Francisco Antonio Fragoso a 29 de Maio, tendo já sido enforcados no Rio de Janeiro, a 15 de Março de 1824, o pernambucano Joaquim da Silva Loureiro, o piloto genovez João Mitrovik e João Guilherme Ratcliff e no Ceará o padre Gonçalo Ignacio de

---

(1) A. Pereira Pinto, no seu escripto—*Memoria sobre a Confederação do Equador*, que vem publicado na revista do Instituto Historico, cita o manifesto e proclamação de Manoel de Carvalho Paes de Andrade datada de 2 de Julho de 1824, que correu impressa em avulso, na qual articulando os motivos que o tinham lançado no campo da revolta, convidava os povos das provincias do Norte a acompanhal-o; mas esta proclamação não foi a que deu bandeira a revolução, e sim outra, sem data, que vem impresa na obra do Commendador A. J. de Mello,—*Biographia de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco*, T. 1.· pags. de 276 a 278, que por extensa não copiamos; mas que termina assim :— « Brazileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas; o momento é este, salvemos a Honra, a Patria e a Liberdade, soltando o grito festivo—*Viva a Confederação do Equador*. » O mesmo Commendador diz a pag. 229 (nota 5), que esta proclamação appareceu no dia 24 de Julho 1824.

Loyolla, coronel João de Andrade Pessoa, Luiz Ignacio, Francisco Miguel Pereira Ibiapina e Feliciano José da Silva.

A mesma commissão militar de Pernambuco tambem condemnou á morte, banio e affixou editaes para qualquer pessoa poder livremente matar os ausentes: Manoel de Carvalho Paes de Andrade, coronel José de Barros Falcão de Lacerda, tenente-coronel José Antonio Ferreira, Dr. José da Natividade Saldanha, capitão José Francisco Vaz de Pinho Carapeba, Antonio de Albuquerque Montenegro, tenente Mendanha, capitão Francisco Leite, capitão José Gomes do Rego Cazumbá e major Emiliano Felippe Benicio Mundurucú.

No Ceará foi tambem condemnado: Alexandre Raymundo Pereira Ibiapina, a degredo perpetuo e serviço das obras publicas na Ilha de Fernando, onde morreu, precipitando-se de um pinaculo, devolvidos ao fôro ordinario José Francisco Lima, João Nepomuceno da Silva Cangussù e José Correia Camello; o pernambucano frei Alexandre da Purificação foi condemnado no fôro ordinario a degredo perpetuo no Rio Negro, onde miseravelmente findou os seus dias.

Estes factos acham-se registrados nos annaes da historia patria, e constam de documentos authenticos, existentes na bibliotheca deste Instituto, por onde se vê que foi Pernambuco a primeira provincia que iniciou no solo brasileiro, a idéa de independencia e liberdade; a primeira que plantou essa soberba arvore no vasto continente americano, desde o seculo XVII, nessa guerra titanica que sustentou á custa do generoso sangue de seus filhos, lutando com uma das nações mais poderosas d'aquelle seculo.

Foi ainda seguindo o nobre exemplo de seus paes, que os pernambucanos lançaram no solo da patria a semente da independencia e liberdade no seculo passado a 10 de Novembro de 1710, tentando estabelecer um governo republicano, e regando essa arvore com o seu precioso sangue nessa epocha, deu ella fructo no memoravel dia 6 de Março de 1817; decepada pela fouce exterminadora do despotismo foi ainda de novo regado o seu

tronco com esse precioso sangue, que fazendo estender as raizes por todo o solo da patria fel-a rebentar vigorosa nas margens do Ypiranga, dando fructo sazonado no glorioso dia 7 de Setembro de 1822.

Do exposto se vê que sómente á provincia de Pernambuco cabe a gloria de ter sido a primeira que deu no Brasil o brado de independencia e liberdade.

José Domingues Codeceira.

MUNICIPIO DO BONITO

DESCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DO BONITO, NO ANNO DE 1881

ASPECTO GERAL

Do lado de Leste e do Sul, este municipio é geralment montanhoso; uma parte está coberta de mattas virgens, e a outra parte aberta e cultivada, contendo diversos engenhos de fabricar assucar; fazendas de café, e sitios com plantações de mandioca, onde tambem se plantam no tempo devido, milho, feijão, batatas e toda a sorte de legumes.

Do lado Occidental e N. O. são immensas as planicies contendo apenas algumas ondulações e pequenos morros. que são quasi sempre isolados, sendo esta villa o ponto que separa as mattas das terras acatingadas, que commumente chamam sertão, isto com relação a este municipio. Deste lado cria-se algum gado vaccum, cavallar, cábrum, ovelhum, e se planta tambem mandioca e legumes, bem como o tabaco.

MAR E PORTOS

Não tem por ser o municipio central.

ILHAS

Não tem pela mesma razão acima.

SERRAS

As serras, que formam a parte montanhosa deste municipio, fazem parte da cordilheira da Russa, que ramificando-se em diversas direcções comprehende tambem os municipios visinhos.

RIOS

O territorio deste municipio é regado por diversos rios e ribeiros, sendo os maiores o Una e o Serinhãem, que despejam no Atlantico; os outros são apenas tributarios dos ditos rios.

O Una nasce em territorios do termo de Garanhuns, vem ao municipio de S. Bento, e d'ahi aos povoados do Altinho e Bebedouro do municipio de Caruarú, entra neste municipio, vai a Palmares passando a quatro leguas ao Occidente desta villa, vai ao povoado da Lage Grande tambem deste municipio, vai passando perto da cidade do mesmo nome; segue d'ahi para outros municipios até ir fazer barra no Atlantico, abaixo do povoado —Abreo de Una—do termo do Rio Formoso.

O Serinhaem nasce na Lagoa do Retiro, que fica duas leguas ao sul da Villa de S. José dos Bezerros, entra neste municipio, passando na distancia de tres leguas a N E desta villa, segue para o municipio de Gamelleira, e d'ahi para o de Serinhaem, até fazer barra no Atlantico

LAGOS

Apenas algumas lagoas, que seccam pelo verão, mas existe uma lagoa no cume de um monte denominado—Araticum— que, apezar de ser pequena, nunca seccou, e a respeito d'ella se tratará na parte—Curiosidades—

SALUBRIDADE

O municipio é geralmente salubre; até o presente não appareceu caso algum de febre amarella nem de beriberi. Em 1856, porém, o cholera-morbus fez algum estrago na população.

MINERAES

Encontra-se mineraes de ferro em diversas localidades deste municipio; no monte—Bonitinho—encontra-se o kaolim proprio para o fabrico de porcelana; em alguns

lugares marmores de diversas cores, porphyro, granito, quartzo, pedra de amolar ; na Lage Grande pedra calcarea ; em diversos pontos, christaes de rocha, gres, occas de diversas cores, mica, breu mineral, barro para louça, para telha e para tijollo.

MADEIRAS

Ha diversas especies de madeiras, tanto para marcineria, como para construcção; das primeiras, são —: o angico, o jacarandá, o cundurú, Gonçalo Alves, vinhatico, pitiá corado, e o branco marfim, tatajuba, coração de negro, limãosinho, genipapo, buranhem, quiri, e muitas outras qualidades. Da segunda, o amarello, o louro, tres especies, cedro, jurema, pão-ferro, oiticica, massaranduba, sapucaia, sapucarana, jangada, marmelleiro, gulandy, peroba, pereiro, amargoso, cocão, páo-d'oleo, sucupira, mamajuda, parahyba, angelim, alecrim, cumarú, brauna, almecega, pão-sangue, embiriba, sipahuba, e muitas outras ; entre estas madeiras deve-se notar o buranhem, que é muito flexivel, e presta-se para diversos usos, supprindo perfeitamente a barbatana de baleia ; e do junco da India.

FRUCTAS SILVESTRES

Ariticum, araçá, goiaba, cajú, cajá, jaboticaba, maçaranduba, oiti-coró, sapucaia, pitomba, jaboticaba, umbù, ou ambú, grumixama, macahiba, catolé, baboso, o sicuri, maracujá diversas especies ; genipapo, ameixa da matta, amora, guabiraba, mamão diversas especies, geracatiá, fructa de gravatá, etc. ; destas algumas são cultivadas com bom resultado.

ANIMAES SILVESTRES

Anta, onça, veado, caeté ou porco montez, tatúpaca, macaco, preguiça, guariba, saguim, cotia, mocó, preá, tamanduá-assú e mirim, raposa, quandú ou ouriço, furão, papa-mel, ticaca ou zurrilho, gambá ou cossaco,

coelho, preá, punaré, quati, kagado da matta e da lagôa, tijú-assú. Emquanto as aves encontram-se as seguintes nas mattas e nas catingas—mutum, jacú, aracuam, macuca, inhambú ou nambú, arara, papagaio, periquito, parari, rolas—aza branca, cascavel, rabassañ, caboclas ou vermelhas. Dos passaros d'agua encontram-se o socó, jaçaneiro, ou marreco. Das aves nocturnas, o mocho, a coruja e o bacurão; das cantoras, a sabiá, o xéo ou checheo, o sanhassú, canario, curió, patativa, gallo de campina, papa-capim, sericoia, rouxinol, agaxadeira bem-te-vi, e a cotovia, araponga etc.

HISTORIA

A primeira povoação do Bonito teve lugar nos fins do seculo passado entre os annos de 1796 a 1798; antes desta época, uma parte do territorio do municipio do Bonito fazia parte das mattas dos palmares, onde se manteve o famoso quilombo de negros fugidos, de que falla a historia patria. A razão de chamar-se—Bonito—tem o seguinte fundamento. Alguns moradores da ribeira do rio Ipojuca e com especialidade os da povoado de S. José dos Bezerros, que por esse tempo já existia, vinham caçar em uma serra denominada—serra do macaco—nome este que lhe deram os caçadores, em consequencia de haver na dita serra abundancia de taes animaes. Em um dia os caçadores descendo a serra pelo lado occidental, descobriram na chan da mesma um ribeiro, de aguas mui crystallinas, assombradas por frondosas arvores seculares, de um modo assás pittoresco; então um dos caçadores, contemplando o bello panorama, que tinha diante dos seus olhos, exclamou—que rio bonito!!— E ahi descançaram algum tempo emquanto moqueavam a caça que comsigo traziam, e depois retiraram-se.

Passados alguns dias, os mesmos caçadores, tendo-se concertado para uma nova caçada, perguntou um d'elles: para onde vamos caçar? Para o rio bonito, respondeu o companheiro que presente estava, até que por abreviatura usavam somente do adjectivo—bonito—. Alguns dos ditos caçadores, attrahidos pela fertilidade do solo

abundancia de caça e de peixe, estabeleceram-se com residencia nas margens do dito rio—Bonito—e successivamente foram chamando para alli os seus parentes e amigos.

Em 1816 já havia uma grande povoação com uma pequena capella e outra em ponto grande em construcção.

Em 1833 por occasião de pôr-se em execução o codigo de processo foi a povoação de Bonito elevada á villa e cabeça de comarca de primeira entrancia, com grande extenção de territorio, dentro do qual já se creou quatro comarcas e um termo. A extensão do territorio deste municipio presentemente é a seguinte: de N a S cerca de 12 leguas e de L a O 16 leguas, comprehendendo além da villa tres grandes povoados—Capoeiras, Barra de Jangada e Lage Grande.

TOPOGRAPHIA E' EDIFICAÇÃO

Esta villa está situada nas quebradas da serra do Macaco lado occidental; essa pequena parte da villa e a Matriz occupam terrenos elevados, e o restante (a maior parte) do arruamento estende-se pela planicie. As ruas são estreitas e tortuosas, tem algumas casas bôas entre estas alguns sobrados; os edificios publicos são: a Matriz sob a invocação de N. S. da Conceição e outra Igreja com edificação moderna dedicada ao Martyr S. Sebastião, uma casa da camara, propria, uma casa de mercado ainda não acabada, (proprio municipal), um cemiterio publico municipal, uma pequena ponte d'esta Villa, um pequeno theatro particular, uma casa de açougue municipal, um matadouro publico com curral municipal, uma cadeia em edificio particular. Tem diversos estabelecimentos commerciaes, duas padarias, uma machina movida a vapor para descaroçar algodão e moer café, outra machina de descaroçar algodão movida por animaes; tem diversas officinas de ferreiro, sapateiro, selleiro, torneiro, caldeireiro, funileiro, etc, etc.

POPULAÇÃO

E' de 28,600 habitantes, sendo destes 2,265 residindo em 453 casas dentro dos limites da villa.

AGRICULTURA

Da lavoura de exportação, a canna d'assucar, algodão em maior escala, café, tabaco, cacáo e o trigo apenas iniciada a sua cultura neste municipio. Quanto a pequena lavoura, consiste ella na cultura da mandioca, milho, feijão, arroz, batatas de diversas especies, gerimuns e outros legumes. Tambem se cultiva algumas especies de fructas taes como a laranja, a jaca, manga, cajú, melancia, melão, abacaxi, ananaz, bananas de diversas especies, maracujá-assú e mirim, genipapo, pinha, condessa, uva, lima, limão, cóco da Bahia, dendê, etc. As laranjas por sua bôa qualidade são mui procuradas pelos habitantes dos povoados visinhos e constitue uma boa venda para os proprietarios dos sitios dos arrabaldes d'esta villa.

INDUSTRIA FABRIL

A industria fabril consiste em assucar, aguardente, fumo em folhas para charutos e dito em corda, obras de olaria—louças de barro, telhas, tijollos—farinha de mandioca, gomma, queijos de coalha e de manteiga, rapaduras, dôce de goiaba e de banana, couros cortidos, páo para tamancos, rêdes de dormir e de pescar, tecidos de algodão, vassouras, chapéos de palha, dito de capim, abano, a albarda, cassuás, balaios e cestos de vimes.

COMMERCIO

O commercio de exportação consiste em assucar, aguardente, algodão, café, courama e fumo em folhas para charutos, o de importação consiste em fazendas, ferragens miudezas e louças de barro e de vidro, productos

medicinaes e productos alimenticios, carne secca, bacalháo, peixe secco, em salga e em conserva.

INSTRUCÇÃO

Para a instrucção primaria ha quatro escolas do sexo masculino e outras tantas do sexo feminino, além d'algumas escolas particulares. Em 1880 creou-se n'esta villa uma bibliotheca, que é dirigida pela sociedade Atheneo Bonitense e já conta alguns volumes.

DIVISÃO ECCLESIASTICA

Pertence este municipio a diocese de Olinda e tem uma só parochia sob a invocação de N. S. da Conceição, a qual foi creada por lei provincial no anno de 1840.

OBRAS PUBLICAS

Os principaes edificios desta villa são os seguintes: a Igreja Matriz com a invocação de N. S. da Conceição; outra Igreja edificada com gosto moderno com a invocação do Martyr S. Sebastião, uma casa da camara, proprio muicipal, nma casa de mercado, um cemiterio publico, uma pequena parte sobre o sangradouro do açude que banha uma parte desta villa, uma casa de açougue com matadouro publico, tudo proprio municipal, um pequeno theatro. Tem diversos estabelecimentos commerciaes, entre estes duas padarias, uma machina movida a vapor para descaroçar algodão e pilar cafe, como já ficou dito.

CURIOSIDADES NATURAES

Ao lado oriental na distancia de 500 braças pouco mais ou menos desta villa, existe um monte bastantemente alto denominado —monte do Araticum— em cujo cume formou-se uma bacia ou concavidade, que conservando as aguas pluviaes formou uma lagôa d'aguas permanentes, as quaes infiltrando-se apparecem na fral-

da do dito monte, ao lado occidental, entre fendas de grandes pedras accumuladas, formando a excellente fonte d'agua potavel denominada —fonte do Araticum. — E' bem de suppor, que no interior do dito monte, por onde se escapam as aguas por infiltração, exista alguma caverna de admiravel curiosidade, como commumente succede em casos identicos.

No monte—Bonitinho—na distancia de 1000 braças pouco mais ou menos a S O desta villa, existe uma cachoeira formada pelo ribeiro denominado--Bonitinho—as aguas do dito ribeiro precipitam-se por cima d'uma grande pedra de plano inclinado com a extensão de 40 braças pouco mais ou menos.

No logar denominada Pedra Redonda distante 3 leguas ao sul desta villa existe outra cachoeira, cujas aguas correm a prumo por cima d'uma grande pedra com altura de 80 metros pouco mais ou menos.

Na distancia de 3 leguas, linha S O desta villa existe a celebre pedra denominada do—Rodeador—onde se deram as scenas de sangue pelos fins do anno de 1819, de que falla a historia patria, sendo então governador d'esta provincia o general Luiz do Rego Barreto e o executor do morticinio o tenente-coronel Madureira ao serviço de Luiz do Rego : os promenores de tal acontecimento vão em separado.

DISTANCIAS

D'esta villa á capital (Recife) conta-se 32 leguas, pela razão de ser indispensavel, para evitar as serranias da Russa, augmentar cerca de 6 leguas de caminho até chegar-se nas planicies do ribeira do rio Ipojuca, onde existe a estrada de rodagem da Victoria para o Recife. Vê-se pois que esta Villa não pode distar mais de 26 leguas da capital por linha recta rumo N E.

Existe outro ponto do littoral que se approxima ainda mais desta Villa do que o do Recife, este ponto é o povoado—Abreu de Una, onde faz barra o rio de Una, e que pela linha recta rumo S E 4.ª de E, não dista mais de 18 a 19 leguas, segundo a opinião dos viajantes; atten-

dendo a tudo isto pode-se fixar com alguma exactidão na carta topographia desta provincia o ponto onde está situada esta Villa.

As cidades e villas, cujos territorios se dividem com este municipio, são as seguintes:

Desta Villa a cidade de Palmares por estrada tortuosa conta-se 9 leguas pela linha do sul. Para a cidade de Caruarú linha N O 10 leguas. Para a villa de Bezerros linha do N, 8 leguas. Para a villa de Panellas de Miranda, linha S O 4.ª de O, 12 leguas. Para a villa de Gamelleira pela linha de S E conta-se 14 leguas.

Historia dos acontecimentos da Pedra do Rodeador

Os tristes e lamentaveis acontecimentos, que tiveram lugar na Pedra do Rodeador pelos fins do anno de 1819, medeando entre a revolução de 1817, que fôra suffocada pelo poder absoluto e a de 1821, que vingou na invicta villa de Goyanna, foram como que o prenuncio da nossa independencia, que se firmou no sempre memoravel dia 7 de setembro de 1822, e mostram bem claramente, que a reunião de povos, na Pedra do Rodeador nesses tempos tenebrosos tinha fins verdadeiramente politicos, e que o chefe de tal movimento, Silvestre, alcunhado—Mestre Quiou,—Maioral na linguagem dos naturaes, não era um simples aventureiro, um impostor e salteador como se propalava nesta provincia, durante o governo despotico e violento do general Luiz do Rego Barreto.

L. Silvestre não era um impostor, quando ensinava aos reunidos, que uma santa ia fallar para mostrar o que convinha adoptar para melhorar a sorte d'um povo soffredor; foi isso explicado depois da independencia pelos patriotas bonitenses, que estiveram em maior contacto com o dito Silvestre.

E qual era essa santa, que ia fallar para mostrar muitas cousas uteis, que um povo soffredor devia

adoptar? Era certamente a santa Liberdade, era a Independencia do Brasil, independencia que por esse tempo toda a America disputava, e para o Brasil Pernambuco deu os primeiros passos, a custa de muitos sacrificios.

A reunião de povos na Pedra do Rodeador deu-se pelo modo seguinte:

Pelo meado até fins do anno de 1819, quando toda a provincia de Pernambuco principiava de novo a agitar-se, resentida das violencias e arbitrariedades, que praticava o governador Luiz do Rego, appareceu nesta villa então simples povoação, (com um destacamento de soldados lusitanos, um homem mysterioso dizendo chamar-se Silvestre e que a sua missão era a de escolher um sitio para empregar-se na agricultura. Alguns dias depois soube-se no povoado, que o tal Silvestre tinha escolhido um rochedo chamado—Pedra do Rodeador—e ahi estava reunindo gente para que em tempo opportuno ouvisse a uma santa que ia fallar para mostrar o bom caminho por onde o povo devia seguir. Dentro de 20 dias o numero dos reunidos tinha augmentado consideravelmente; em consequencia do que os negociantes do povoado do Bonito, e com especialidade os portuguezes, temendo algum assalto dos reunidos, pediram ao commandante do destacamento que tomasse algumas medidas; pelo que o commandante (era um tenente lusitano) ordenou por um officio que dirigio ao chefe Silvestre, que fizesse dispersar aquella gente sem demora, certo de que, se não o fizesse, elle commandante tomaria alguma medida para dispersar uma reunião illicita, etc. Nenhum effeito produzio no animo de Silvestre o officio do official portuguez, e pelo contrario o numero dos reunidos augmentava cada vez mais, a ponto de já haver um abarracamento ou arraial de casas cobertas de palha.

Silvestre não dispondo de meios para sustentar algumas pessoas desvalidas, mulheres e meninos, que com elle estavam, mandou intimar aos proprietarios, e com especialidade aos portuguezes para que lhe mandassem gado, farinha, milho, feijão, etc. certos de que si não sa-

tisfizessem sua requisição, elle mandaria tirar a força de armas, e deste modo eram sempre satisfeitas as requisições, algumas vezes com generosidade. Este facto foi levado ao conhecimento do governador Luiz do Rego, talvez com exageração, em consequencia do que o governador resolveu-se a mandar uma força para dar o assalto na Pedra do Rodeador. Para tal diligencia foi nomeado como chefe o tenente coronel Madureira, portuguez insolente e dado á embriaguez.

Madureira partiu do Recife á frente d'um corpo de 1.ª Linha e tendo chegado á villa de S. Antão recebeu ahi outro corpo de milicianos, declarando sempre o chefe, que o seu destino era para Pajeú de Flores; approximando-se do Bonito fez uma negaça, e munido de bons guias entranhou-se pelas mattas, e chegou ao Rodeador pelas 3 e meia horas da manhã, dividiu a gente em dous corpos, sendo um de linha por elle (Madureira) dirigido; e o outro corpo de milicianos de S. Antão, a maior parte dos quaes vestidos a paisana grosseiramente, era commandado por um capitão: um destes corpos entrou pelo lado oriental e o outro pelo occidental do rochedo, nas quebradas do qual existia o arraial dos reunidos constante de casas de palha. O chefe miliciano, primeiro que Madureira, chegou ao arraial, não se sabendo ao certo de que lado partiram os primeiros tiros, si dos sitiados ou dos sitiantes; o certo é que houve grande tiroteio, ao qual acudindo Madureira, a passo de marche-marche com a escuridão da noite, e intervindo no conflicto resultou grande carnificina entre as forças legaes.

Os reunidos pouco teriam soffrido, si os soldados de Madureira não tivessem lançado fôgo nas casas do arrayal, sendo victimas das chammas homens, mulheres e meninos: fizeram alguns prisioneiros a maior parte mulheres e meninos que foram conduzidos para o Recife e passados alguns dias foram todos soltos por não se descobrir motivo algum de crimiualidade. O chefe Silvestre com alguns companheiros escaparam-se, sendo que Silvestre foi depois visto em Goyanna, fazendo parte do

exercito dos independentes, que tinham seus clubs na cidade do Recife e em outros pontos.

Silvestre era de cor morena, estatura ordinaria representando ter 38 a 40 annos de edade, sabendo ler e escrever, era activo, perspicaz e severo em suas deliberações: nunca declarou a ninguem, d'onde era natural, qual era a sua missão, nem quem lhe fornecia os meios de existir. (1)

---

(1) O presente trabalho nos foi remettido pelo consocio coronel Francisco Benicio das Chagas.

Da Redacção

O LOGAR DA MORTE DE NUNES MACHADO

Tem-se espalhado ultimamente nesta cidade, que Nunes Machado morreu no sobrado, que ora se repara no largo da Soledade, unico que ahi existe, pertencente hoje ao Sr. João Baptista de Oliveira.

A *Gazeta da Tarde* de 17 de Fevereiro d'este anno repetiu o boato, accrescentando que *alli em Fernandes Vieira, alli no Corredor do Bispo, n'uma velha casa que se reedifica*, morreu assasinado Nunes Machado pelas balas monarchicas.

O escriptor assegura isso fundado, segundo diz, em dictos de contemporaneos vivos do *assassinado* e ainda porque, passando por alli, ouviu de um cidadão *qualquer* affirmar: Foi n'aquella janella que cahiu Nunes Machado!

E com esses rumores e falsa informação entendeu que devia censurar o Instituto Archeologico, por não ter mandado collocar um *pedaço* de pedra n'aquella casa, por onde o povo possa ler a pagina mais bonita da nossa historia.

A historia, porém, não é essa; o que dizem contemporaneos anonymos não prova a verdade do facto, porque, além disso, occultam que estivessem presentes no logar. E na falta de testemunhos presenciaes e carencia de outras fontes, a critica historica é o meio pelo qual se descobre a verdade, ou pelo menos o que ha mais digno de credito.

O artigo nada disso fez, e até pareceu pôr em duvida a affirmativa d'aquelles contemporaneos, pela obscuridade em que envolveu o logar do facto, quando o seu fim era designal-o e na sua colera melancholica censurar o Instituto, como fez, pela falta commettida.

Os que leram o artigo, terão comprehendido a impossibilidade de satisfazer os desejos do escriptor, quan-

do mesmo o Instituto estivesse convencido da falta de que é accusado.

Onde iria collocar o *pedaço* de pedra para o povo ler a pagina mais bonita da nossa historia?

Si procurasse no *Corredor do Bispo* a casa velha que se reedifica, diz-lhe o artigo: *é alli em Fernandes Vieira*, e se ahi fosse ter, diz-lhe ainda o artigo: volte, é alli no *Corredor do Bispo!*

E assim de um lado para outro, retrocederia por falta de orientação sem fazer a vontade do escriptor.

Em nenhuma d'essas ruas ha actualmente casa velha em construcção e o sobrado do largo da Soledade, onde os contemporaneos anonymos dizem que morreu Nunes Machado, não se edifica novamente, mas se concerta, além de não estar collocado nas ruas designadas no artigo.

A denominada, antigamente, Corredor do Bispo, tem a direcção de leste á oeste e termina no largo daquelle nome, e Fernandes Vieira principia d'ahi, da face opposta, na direcção de sul á norte. São, portanto, logares differentes.

Na primeira, ha um antigo sobrado—e é o unico—reparado de novo, recolhido e com gradil de ferro no alinhamento. Na segunda, o dos *Quatro Leões* e um outro antigo que foi demolido, de forma que, si os vindoiros com a *Gazeta* na mão pretenderem erguer algum monumento que assignale o local da morte de Nunes Machado, construil-o-hão em algum delles onde certamente não morreu.

Eis o serviço que a *Gazeta* acaba de prestar!

Ha individuos que se deleitam em referir factos arriscados e singulares, inculcando-se envolvidos n'um golphão de perigos, para satisfazerem a sua vaidade pela admiração dos outros.

Aquelles contemporaneos vivos estão n'este caso, e se não dizem que acompanharam Nunes Machado e assistiram a sua morte, affirma o cidadão *qualquer* que elle cahiu na janella indicada, o que faz suppor que foi seu companheiro de jornada.

Mas, si lhe perguntarem: o que foi fazer Nnnes Ma-

chado nessa janella ? com que fim expor-se de tão perto ao fogo nutrido do convento da Soledade, transformado em praça de guerra ? Não responderá ; porque só o louco pode desprezar o risco imminente de cem fuzis de 1.ª linha dirigidos por um vigilante e valente capitão e entregar inconscientemente o peito á morte.

Nunes Machado era destimido, mas essa qualidade não o arrastava áquelle logar, porque ahi só serviria de alvo aos tiros do convento, ha poucos passos e quasi fronteiro ao sobrado.

E' evidente, pois, que repugnando à razão e ao bom senso a affirmativa dos que assim falam, outro por certo foi o local da sua morte.

Bem sabemos que essa questão de logar é de pouca importancia, desde que a morte realisada a vinte ou trinta passos a direita ou esquerda não altera a verdade historica. Mas, uma vez que se quer impôr uma falsidade como verdade provada por testemunhos inconcludentes, sem authoridade e deprimir uma instituição respeitavel pelo seu patriotismo e desinteresse, dedicada ao estudo da historia e archeologia, e a reivindicação do esplendor do nome pernambucano, desta terra de heróes de tres seculos, obscurecida n'estes ultimos tempos de abandono, diremos alto e bom som.

Nunes Machado não morreu dentro de casa, como morrem os enfermos, invalidos e cobardes ; não foi assassinado por ninguem ; cahiu sobre a terra nua, vigoroso e forte em *acção* continua da guerra ; cahiu, como cahem os bravos sem voltar costas ao perigo.

Para melhor sermos comprehendidos, seguiremos a marcha dos revoltosos de S. Lourenço da Matta ; exporemos o plano de ataque a cidade ; e acompanharemos ao deposito na capella de Belém o cadaver do grande patriota.

* *
*

Ao anoitecer de 31 de Janeiro de 1849 acampou o exercito no engenho Capibaribe, então pertencente ao Dr. Olinda Campello, a meia legua leste da povoação de

S. Lourenco. Ahi pernoitou e descançou o dia seguinte — 1.º de Fevereiro.

Resolvida a divisão das forças em duas columnas, contra o que se oppoz Pedro Ivo, que chegou a offerecer a sua cabeça, se á frente d'ellas, em um só corpo, não snbmettesse a cidade em poucas horas, poz-se de marcha antes da meia noite, e ao romper o dia 2 na altura do Cordeiro, dividiu-se em duas columnas, como fôra assentado em conselho. A primeira, ao mando do capitão Pedro Ivo, seguiu pela estrada do Remedio, com ordem de atacar a cidade ao sul, penetrando pelos Afogados; e a outra, ao mando do major João Roma, atravessou o Capibaribe, no Poço da Panella, d'onde seguiu a investir a Bôa-Vista.

Esperava-se de Olinda um forte contingente que devia varrer a parte de Santo Amaro das Salinas e guardar a estrada do norte.

Na primeira divisão ia Borges da Fonseca, membro da commissão directora do movimento, e na segunda o chefe, Nunes Machado, e com elle Villela Tavares e ouros que a compunham.

Ao chegar ao Manguinho, João Roma volveu a esquerda, e marginando o alagado que alli existe, fez alto na volta de Fernandes Vieira onde Nunes Machado e os outros entraram na casa do Coronel Francisco Joaquim Pereira Lobo a tomarem informações. Souberám, que além do sitio dos *Quatro Leões* havia uma trincheira, e outra na estrada de João de Barrôs, um pouco adiante da actual Estação do Principe.

Nunes Machado fez occupar a travessa do Olho do Boi, e ordenou o ataque da primeira trincheira fazendo desembaraçar a sua marcha pela Soledade.

Rompeu o fogo de parte a parte, e informado da resistencia vigorosa que ella apresentava, reforçou os assaltantes, seguindo com o contingente auxiliar.

A trincheira foi tomada por um movimento de flancos e quando cahia morto o bravo capitão Americo, seu commandante.

Passou adiante mas foi contido na marcha pelo fogo do sobrado que se *reedifica* e onde morava o Dezembar-

gador Francisco Ayres de Almeida Freitas, invadido por soldados do governo e pelo fogo do quartel da Soledade, que era então no convento.

Exposto aos tiros certeiros de atiradores que não via, recuou e fez occupar por alguma força o sobrado — actualmente demolido,—no qual residia um certo João Algarve, sendo este ponto confiado ao Sr. coronel Luiz Cesario do Rego, que ainda vive, d'onde principiou a hostilisar aquelle sobrado que afinal foi abandonado aos gritos de incendio.

Luiz Cesario, encarregado depois de atacar e tomar a trincheira de João de Barros, partiu para esse lugar, e Nunes Machado pretendendo desalojar do quartel as forças do capitão Rocha Brasil, intentou assaltal-o pela retaguarda apoderando-se do portão que ainda ahi existe.

Tomou a estrada de João de Barros na direcção opposta á Luiz Cesario, e entrou na casa de uma senhora ingleza, do seu conhecimento, que ahi morava.

Esta casa e mais outras contiguas, todas fronteiras ao muro do sobrado de Almeida Freitas, foi demolida e em seu logar existe actualmente outra, espaçosa e de bella perspectiva, recolhida, com jardim e gradil na frente.

O fim de Nunes Machado, seguido de alguns companheiros, era explorar a passagem para aquelle ponto.

Do quintal, em angulo recto, passou para os das casas do Corredor do Bispo, e descobrindo um pequeno quadro, fechado por um muro e portão no alinhamento da rua, e que devia ficar mais ou menos fronteiro ao do quartel, entrou n'elle e... cahiu, fugindo-lhe com a vida a imagem da patria!

Um projectil, d'entre os muitos que vomitavam as setteiras da Soledade, traspassou-lhe o cerebro attingindo-lhe a fronte e desapparecendo pelo lado posterior.

A morte foi instantanea e a aurora d'esse dia nefasto a ultima na mais bella estação da vida!

José Sabino, que o acompanhava, foi ferido, os outros carregaram o cadaver, cobriram-n'o com um capote e levaram-n'o piedosamente de estrada acima para a ca-

pella de Belém, onde depositaram-n'ó entre a parede e uma pilha de taboas que existiam no corredor.

Apezar de se guardar todo segredo sobre esse lamentavel acontecimento soube-se que Nunes Machado havia succumbido. As cornetas tocaram a reunir, e a divisão contramarchou, quasi ás 6 horas da tarde, pela estrada dos Afflictos e foi pernoitar na matta do Catucá, d'onde seguiu depois para Goyanna.

Eis o lugar, pois, em que cahiu e morreu o homem mais popular que tem tido Pernambuco, o patriota e arrojado tribuno que vivia no coração do povo e cujo nome é repetido com veneração de bocca em bocca, ha mais de quarenta annos.

D'ahi se vê que elle não foi assassinado, morreu quando explorava o logar por onde tinha de dirigir o ataque ao quartel; morreu, por conseguinte, em acto de guerra, que não se faz com sicarios mas com soldados encarregados pela sociedade da defeza nacional e das instituições que juram manter á custa do sangue e da vida,

O quartel disparava defendendo o seu posto, o assassino procura a victima; no caso vertente dava-se o contrario não havia victima determinada, mas inimigos a combater. Foi o que se deu.

Tomei parte no movimento armado, fui ferido, preso, processado e amnistiado, e se não me achei com Nunes Machado na occasião da sua morte, soube que se déra do modo referido.

A profunda impressão produzida pelo inesperado acontecimento excitou, como é natural, a curiosidade de saber as suas particularidades. O espirito, que vacilla e padece, compraz-se com isso, parecendo descobrir alguma cousa que o fortifique. A morte já era conhecida, e os pormenores desejados vieram depois por informações de Luiz Gonzaga, testemunha presencial. Não houve, portanto, duas opiniões.

Os novelleiros crearam muito posteriormente outras versões; disseram uns, que Nunes Machado fôra assassi-

nado por um bolieiro do Paço Episcopal, disparando d'ahi um tiro de pontaria; outros depois destes, que cahira na janella do sobrado, como relata a *Gazeta*.

A primeira versão não contesta o logar, o que corrobora a informação obtida, e até então indubitavel; mas inventa o assassinato, que aliás por si mesmo se destroe. Nunes Machado, seguindo na direcção do muro, só podia ser ferido pelo tiro do bolieiro no lado posterior, por detraz, attendendo-se á collocação do edificio, onde se dizia estar o assassino. Mas a vistoria feita no seu cadaver descreve um ferimento penetrante de bala, na direcção da fronte á parte posterior da cabeça, evidentemente a versão é falsa,

A segunda é do mesmo modo falsa, porque Nunes Machado não esteve no sobrado. Depois deste abandonado, e seguindo o coronel Luiz Cesario a desalojar o inimigo da trincheira acima referida, entrava aquelle na casa da ingleza, com as pessoas que o acompanhavam; o que pode talvez saber o honrado coronel e os que porventura ainda existam desse tempo e alli estiveram.

A' excepção das pessoas que conduziram o cadaver para Belém, ninguem soube do facto senão pouco depois. Isso quer dizer que se elle tivesse cahido no sobrado, os que permaneciam nas suas proximidades, á espera de ordens, sabel-o-hiam logo, pelo menos quando sahisse o cadaver, cujo trajecto para Belém se faria necessariamente pelo fundo do sitio.

Ora, se Nunes Machado não esteve ahi, se não se demorou em Fernandes Vieira, e seguio pela estrada de João de Barros á casa daquella senhora, é claro que só podia ter morrido no logar indicado, quando explorava a passagem, pela qual pretendia surprehender o quartel, por não lhe convir deixar forças inimigas na sua retaguarda.

O facto tem por si o testemunho dos que o levaram á capella e de muitos que ouviram a triste narrativa do seu tragico fim E se infelizmente muitos já não existem, alguns que porventura ainda vivem, não contestarão o que fica expendido por ser essa a expressão da verdade.

As cautelas tomadas em desalojar o inimigo das

suas trincheiras, e guardar a columna revolucionaria de sortidas e sorprezas, o isolamento em que ficou o quartel da Soledade, mostram que o objectivo de Nunes Machado era fazel-o render por um golpe decisivo. Este, porém, só podia ser dado pelo portão e a sua praticabilidade pelo logar reconhecido por elle, responsavel pelo resultado do commettimento.

A deducção natural, logica e necessaria do conjuncto de todos os pormenores vem ainda fortalecer o que correu na occasião, sem exceptuar mesmo os novelleiros da primeira versão, os quaes, sem alterarem o local da morte e só pela novidade do homicidio, espalharam o que já sabemos, suppondo talvez que Nunes Machado, respeitado até alli pelas balas inimigas, só poderia cahir ao tiro certeiro de um assassino. Era, com effeito, uma novidade, que para ser aceita como verdade, convinha não alterar a tradição incontestada do logar da morte. Mas, se a novidade do assassinato não tem valor, pelo que ficou dito, a tradição respeitada augmenta o valor da prova,

Assim, pois, é incabivel a censura ao Instituto por não ter mandado collocar um *pedaço* de pedra no casarão que se reedifica, *alli no Corredor do Bispo, alli em Fernandes Vieira*, logar apontado da morte de Nunes Machado por um cidadão *qualquer*.

O Instituto não se leva por informações vagas e sem nexo. Não quer, não póde, nem deve passar ao futuro factos de qualquer ordem sem os ter vinculado a si, com os meios seguros á memoria dos posteros. Esta é a sua missão.

Março de 1890.

M. Lopes Machado.

DOCUMENTOS

—o—

Officios sobre o Jardim Botanico de Olinda 1811, 1812 e 1816.

« Officio n. 33.—N. 1.—Illm. e Exm. Sr.—No primeiro de Maio chegou de Cayenna a este porto a Goleta denominada *Princeza D. Maria Thereza*, com plantas e sementes de especiarias e por ellas recebi do Intendente Geral o Desembargador João Severiano Maciel da Costa, a carta inclusa por copia. Dei logo todas as providencias precisas para se fazer a plantação, não só das que deviam ficar aqui, mas ainda da maior parte das que vinham destinadas para essa Côrte; pois o máo estado em que chegaram, fez receiar ao Francez encarregado da sua cultura, que ellas se perdessem no resto da viagem, quando plantadas aqui, mais facilmente vingariam e sem difficuldade se transplantariam ao depois para essa cidade. A escolha de terreno proprio, a cerca que foi preciso fazer, o preparo, amanho e plantação, levaram mais dias do que eu desejava e só hontem se recolheu de Olinda o dito Francez, deixando alli plantadas as arvores, que constam da nota que ponho na presença de V. Exc. Elle recebeu aqui os tresentos mil réis da sua ajuda de custo e deu-se tão bem na minha casa, onde esteve e nesta terra, que lhe custou a sahir. Pareceu-me que está livre do contagio Jacobinico e que longe de ter adhesão ao actual Governo da França, antes o aborrece no seu coração. Salva porém esta qualidade, o seu caracter ë alguma cousa voluvel e por isso julgo que se devem aproveitar os seus conhecimentos praticos da cultura e beneficio das especiarias, ficando sempre subordinado no estabelecimento, que se fizer, a quem execute o plano sem alteração, dirija e mande os trabalhadores com regularidade. O Professor de Desenho do Seminario de Olinda, o Padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, eccle-

siastico de muita probidade e com bastantes luzes de Historia Natural, que estudou com o Dr. Manoel Arruda da Camara, fica encarregado do viveiro das plantas e julgo que desempenhará esta commissão. O dito Manoel Arruda tinha fallecido havia pouco tempo de uma hydropesia de peito. Deus Guarde a V. Exc. muitos annos. Recife de Pernambuco em 21 de Junho de 1811 —Illm. e Exm. Sr. Conde de Linhares.—*Caetano Pinto de Miranda Montenegro.*—O Secretario, *José Carlos Mayrink da Silva Ferrão.* — Conforme, *Luiz Ferreira da Silva Cabral.* »

« N. 20.—Desejando Sua Alteza Real O Principe Regente Nosso Senhor empregar utilmente no seu Real Serviço o Agricultor Estevão Paulo Germain, que de Cayenna passou a essa Capitania de Pernambuco, conduzindo algumas plantas da Asia, que os Francezes haviam naturalisado n'aquella Colonia, as quaes pela maior parte plantou ahi no Horto, que se acha estabelecido, transferindo-se depois a esta Côrte com o resto das mesmas plantas, que se acham já cultivadas com bom exito no Jardim da Lagôa de Rodrigo de Freitas; E' o Mesmo Senhor Servido Ordenar que este habil Agricultor se vá fixar nessa Capitania, onde semelhante cultura deve prosperar por ser seu clima muito analogo ao de Cayenna; e que elle seja ahi empregado na direcção do referido Horto para este fim estabelecido: Esperando Sua Alteza Real que desta sua Real Determinação hajão de resultar grandes vantagens à propagação das mencionadas plantas, que devem augmentar a riqueza das producções deste continente do Brazil: e pela competente Repartição serão expedidas as ordens necessarias para se continuar a pagar ahi a este homem o ordenado e gratificação que actualmente está percebendo. O que participo V. S. para sua intelligencia e devida execução. Deus Guarde a V. S. Palacio do Rio de Janeiro, em 11 de

Março de 1812. — *Conde das Galveas.* — Sr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro. — O Secretario, *José Carlos Mayrink da Silva Ferrão.* — Conforme, *Luiz Ferreira da Silva Cabral.* »

—

« N. 21—Illm. Exm. Sr.—Do meu officio de 21 de Junho de 1811 (cópia n. 1) será constante a V. Exc. que não fiz logo grande conceito do Francez que veio de Cayenna com as plantas de Especiaria: mas julgo que elle deu nessa Côrte melhores provas de seu caracter, e conhecimentos; porque voltou para esta Capitania em 1812 com o Aviso Regio (cópia n. 2), em consequencia do qual ficou encarregado do jardim, ou viveiro das mesmas plantas. As que elle recebeu em 25 de Setembro do referido anno, constam da relação n. 3. E tendo depois vindo de Cayenna muitas mil matrizes de Girofeiros e Moscadeiras, e da Lagôa de Freitas as que foram remettidas com o Aviso Regio de n. 4, deveria ter o jardim, se o seu Director fosse mais habil e zeloso, um augmento muito grande. mas qual seja o seu estado actual constará a V. Exc. da relação n. 3. Se fosse ainda tempo de se convidar o naturalista Martin, encarregado da Gabriela, seria a sua acquisição de grande vantagem para o Brasil; receio, porém, depois de estipulada a entrega de Cayenna, que elle não queira d'alli sahir. Na falta deste, julgo que se deverá escolher um bom naturalista, a quem seja encarregado o Jardim, e que venha aqui estabelecer uma cadeira de botanica, e agricultura, cuja utilidade não carece de ser demonstrada, nem a collecta litteraria tem falta de renda para pagamento de honorario, com que for creada a dita cadeira. Se o que proponho merecer a Real Approvação de Sua Magestade devo segurar a V. Exc. que em Pernambuco não ha naturalista algum de profissão. Deus Guarde a V. Exc. muitos annos.—Recife de Pernambuco, em 5 de Agosto de 1816 —Illm. e Exm. Sr. Marquez de Aguiar.—*Caetano Pinto de Miranda Montenegro.*—Conforme.—*Luiz Ferreira da Silva Cabral.* »

N. 3. Relação das plantas que ha no Real Jardim de Olinda, de que fiz entrega a Mr. Germain Director do mesmo Jardim, em 25 de Setembro de 1812.

PLANTAS VINDAS DE CAYENNA

Nomes vulgares	*Nomes botanicos*	*Estado das plantas*	*N.º*
Girofeiros...	Cariophyllus aromatic..	Transplantados em muito bom estado com 3 até 4 palmos de alto.	25
		Em viveiro, em muito bom estado, com 2 até 4 palmos de alto...	245
		Em viveiro, de meio palmo até 1 1/2......	30
		Total..............	300
Arvores do pão........	Artocarpus incisa.......	Em muito bom estado...............	10
Nogueiras de Bencul. ..	....	Uma já com botões de flôr e todas em muito bom estado........	4
		Total............	14
Coraes da India.......	Adenantera.	Em muito bom estado já transplantados..	3
		Em viveiro, com mais de tres palmos...	2
		Em viveiro com um palmo de alto........	4
		Total............	9
Groselheiros.	Ribes......	Em muito bom estado...............	2
Bilimbiseiros	Averhoa Bilimbiri...	Todos em muito bom estado menos um.....	5
Caramboleiras.......	Carambola acida.......	Em bom estado....	2

Nomes vulgares	*Nomes botanicos*	*Estado das plantas*	*N.°*
Quassias....	Quassia amara..........	Em bom estado......	3
Moringazeiros	Quilandina Moringa....	Em muito bom estado	5
Muscadeiras..	Miristica Moschata...	Em bom estado......	1
Lilaz.........		Em bom estado......	8
Pome, canella ou Fructa de Conde.....	Anona squamoza.....	Transplantados em bom estado.........	4
		Em viveiro.........	7
		Total..............	11
Canelleiras...	Laurus cinamomum...	Transplantadas em muito bom estado....	14
		Em viveiro.........	3
		Total..............	17
Bananeiras do Otaiti......	Musa......	Em muito bom estado	6

PLANTAS QUE JA HAVIA NO PAIZ

Nomes vulgares	*Nomes botanicos*	*Estado das plantas*	*N,*
Pimenteiras da India......	Piper Nigrum	Transplantadas......	2
		Em viveiro..........	5
		Total..............	7
Cacaueiros....	Theobroma Cacau	Transplantados em muito bom estado..	29
		Em viveiro, em muito bom estado.......	18
		Total..............	47

Nomes vulgares	*Nomes botanicos*	*Estado das plantas*	*N.*
Jaqueiras......	Artocarpus integrifol	Transplantadas.......	2
		Em viveiro para servirem de abrigo ás Muscadeiras.......	6
		Total..............	8

PLANTAS EXOTICAS DE SEMENTES QUE ADQUIRI

Pinheiro de Minas......	....	Em viveiro e em bom estado..........	2
Pés de Virginia........	Nicotiana	Transplantados.......	11
		Em viveiro..........	11
		Total..............	24
Gonçalinhos de Moçambique..	....	Em muito bom estado..............	7

João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro. O Secretario *José Carlos Mayrink da Silva Ferrão.*

Conforme,

Luiz Ferreira da Silva Cabral.

Estes documentos foram mandados copiar do Archivo Publico por seu director o Dr. Joaquim Portella e por elle remettido ao Instituto de que é socio benemerito. — *Nota da Redacção.*